



Número 203
Abril 2020

ARAUTOS DO EVANGELHO

União plena de amor

Flashes
de Fátima

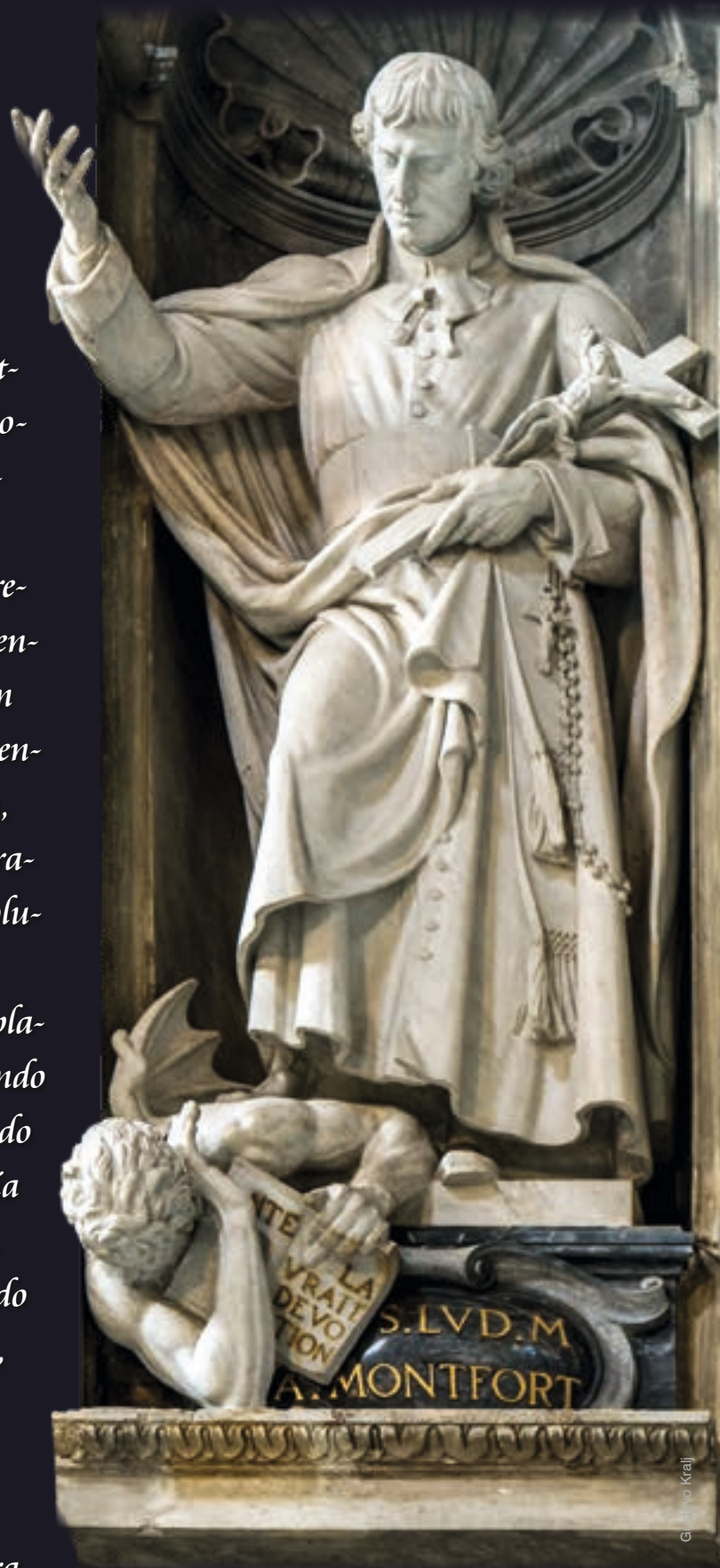


Profeta e missionário

*S*ão Luís Maria Grignon de Montfort foi verdadeiro profeta e missionário. No momento em que muitos espíritos ilustres se sentiam inteiramente tranquilos quanto à situação da Igreja – embalados num otimismo displicente, tívio e sistemático –, ele sondou com olhar de águia as profundezas do presente e predisse uma crise religiosa futura, em termos que fazem pensar nas desgraças que a Igreja sofreu durante a Revolução Francesa.

Como missionário, causticou implacavelmente o espírito neopagão, fazendo quanto podia para afastar o povo fiel do mundanismo e de tudo quanto possuía o mau espírito nascido da Renascença.

Se São Luís Grignon tivesse estendido sua ação missionária a toda a França, provavelmente teria sido outra a História daquele país e do mundo.



Plínio Corrêa de Oliveira



Flashes de Fátima

Boletim da Campanha
"O Meu Imaculado Coração Triunfará!"

Ano XXII nº 203 - Abril 2020

Director:

Manuel Silvío de Abreu Almeida

Conselho de redacção:

Ir. Guy Gabriel de Ridder, EP;
Ir. Juliane Vasconcelos A. Campos, EP;
Severiano Antonio de Oliveira

Proprietário e Editor:

Associação dos Custódios de Maria
NIPC: 501141812

Sede do Editor/Sede da Redacção:

Av. de Berna 30, 2º E
1050-042 Lisboa
N.º ERC. 120.975

Dep. Legal nº 112719/97

Periodicidade mensal

Tel: 212 338 950 / Fax: 212 338 959

www.arautos.pt / www.arautos.org
E-mail: pedidos@custodiosdemaria.pt

Estatuto Editorial disponível em
<http://custodiosdemaria.pt/flashedefatima/estatuto.pdf>

Assinatura anual: 24 euros

Impressão e acabamento:

Multiponto, S.A.
Rua da Fábrica, 260
4585-013 Baltar - Paredes

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redacção. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Membro da



Associação de Imprensa de
Inspiração Cristã

Tiragem: 6.000 exemplares

SUMÁRIO

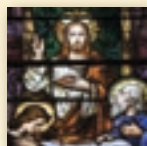
Escrevem os leitores 4

A única solução verdadeira (Editorial) 5



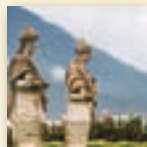
A voz dos Papas –
"A paz esteja convosco"

6



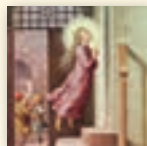
Comentário ao Evangelho –
Ver, reconhecer e
amar o Senhor!

8



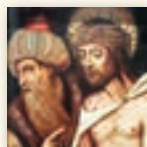
"Vossos nomes
estão escritos no Céu"

18



Santa Catarina de Sena –
Viveu na terra como
se estivesse no Céu

22



A cena do Horto
se repete...

26



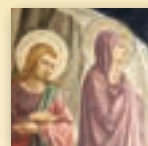
Santa Bernadette
e "a loucura da Cruz"

29



A força de um
varão de fé

32



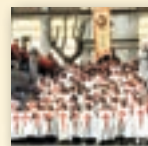
Maria Santíssima no
mistério da Ressurreição
do Senhor – O triunfo
da fé marial

34



Luzes da intercessão de
Dona Lucília – Reflexo
do maternal amor de
Maria Santíssima

36



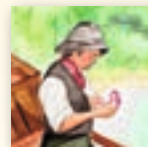
Arautos no mundo

40



Aconteceu na Igreja e
no mundo

43



História para crianças...
O triste fim de uma
invejosa pérola

46



Os Santos de
cada dia

48



Proclamando nas ruas
a vitória da Cruz

50

ESCREVEM OS LEITORES



AJUDA A NÃO ESQUECER A IGREJA FUNDADA POR CRISTO

A revista *Arautos do Evangelho* nos ajuda a crescer em santidade, amor e respeito para com nossa Santa Madre Igreja e os Sacramentos. Nela encontramos histórias cheias de exemplos para aplicá-los à vida cotidiana, entre as quais as dos Santos que, ao longo dos anos, deram seu sangue para defender a Fé e a doutrina cristã. A Revista possibilita que nos alimentemos constantemente, nestes tempos tão difíceis, e nos ajuda a não esquecer a Igreja fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Recorda-nos a importância do sublime, da pulcritude, do respeito que cada um deve ter na Santa Missa, tão esquecidos hoje em dia. Graças à revista *Arautos do Evangelho* pude conhecer muito mais a Igreja Católica.

*María Aulley Arias Sánchez
San José – Costa Rica*

ORAÇÃO PEDINDO A INTERCESSÃO DE DONA LUCILIA

Na edição de janeiro de 2020 da revista *Arautos do Evangelho*, li o artigo sobre a intercessão de Dona Lucília. Nunca tinha ouvido falar dela e gostaria de saber mais sobre sua vida. Teve ela alguma aparição de Nosso Senhor ou de Maria, nossa Mãe Santíssima? Podem-me enviar alguma oração pedindo a intercessão dela?

*Nina Mariani
Calgary – Canadá*

“ADMIRÁVEL SENSO CATÓLICO”

Como outrora, estamos vivendo mais uma fase da História na qual precisamos estar preparados para to-

dos os acontecimentos que virão. E a revista *Arautos do Evangelho* é para nós um “tratado” verdadeiro.

Na edição de janeiro de 2020 há um comentário de Dr. Plínio Corrêa de Oliveira: *Admirável senso católico*. Só por aí podemos ver quanto é nobre o ensinamento desta Revista e quanto devemos propagá-la, para que mais pessoas possam conhecê-la e assim se tornarem seus admiradores fiéis, não apenas assinantes que a recebem e só veem as figuras. Esta Revista é para se fazer um círculo de estudos.

*Marta de Moraes Duarte
Itávia – Brasil*

MEIO PARA DEUS TOCAR OS CORAÇÕES

Os artigos da Revista são não só uma valiosíssima contribuição para nossa formação verdadeiramente católica, mas também um meio pelo qual a graça de Deus toca os corações e as vontades, para seguir o chamado de santidade que nos faz Nosso Senhor Jesus Cristo.

*Olga Claudette Guzmán Weill
Cochabamba – Bolívia*

COMENTÁRIOS DE MONS. JOÃO AO EVANGELHO

Uma parte que me comove muito na Revista são os comentários que Mons. João Scognamiglio Clá Dias faz sobre os Evangelhos. Para mim ele é um sacerdote de fogo, pois o zelo que tem pelas almas é de encantar! Por menos conhecimento que se tenha da doutrina católica, lendo os comentários de Mons. João entende-se perfeitamente o que Nosso Senhor Jesus Cristo quis nos dizer.

*Rilza de Brito Queiroz Gomes
Contagem – Brasil*

SAUDAÇÕES DE UM MOSTEIRO DOMINICANO

Recebam uma afetuosa saudação cheia de esperança, de parte do mos-

teiro dominicano de Durán, Guayas. Lemos com muito interesse os artigos que publicam na Revista. Que Deus continue abençoando sua missão e labor, para que alcancem os frutos espirituais para o bem da Igreja e do mundo. Despedimo-nos na paz e na ternura de Deus.

*Mosteiro Dominicano Venerável
Catarina de Jesus Herrera
Durán – Equador*

DAIS TESTEMUNHO DE JESUS CRISTO

Sou vosso benfeitor e gosto muito da revista *Arautos do Evangelho*, a qual leio com muito comprazimento, pois todos os artigos me ajudam a perseverar e a fortalecer a minha fé, dando-me alegria de ver que tenho irmãos, discípulos de Cristo, por todo o mundo.

Aproveito para felicitar pelo apostolado feito pelos *Arautos* em Portugal e pelo mundo. Dais, assim, testemunho de Jesus Cristo Senhor, por intercessão de Maria, Mãe de Deus, para a glória do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e para o bem de todas as almas.

*Alfredo Augusto M. Santos Primavera
Maia – Portugal*

ENSINAMENTOS QUE FORAM SENDO ESQUECIDOS

Receber a revista católica dos *Arautos do Evangelho* é uma graça que nos propicia encontrar com Deus a partir dos artigos nela publicados. Em todas as edições de que tenho conhecimento, encontro ensinamentos que ao longo dos tempos foram sendo esquecidos na Santa Igreja.

Em cada edição sempre reservo horas de leitura e reflexão aos artigos de Mons. João, ricos em exemplos e informações, fundamentais à nossa formação.

*Benito Cristaldo
Campo Grande – Brasil*

A ÚNICA SOLUÇÃO VERDADEIRA

Enquanto o homem constata, mais uma vez, sua incapacidade de afrontar os acontecimentos-chave da História servindo-se apenas dos seus próprios recursos, o enfermeiro mundo atual dá crescentes sinais de abalo.

Não é esta a primeira vez que a humanidade enfrenta graves desafios, nem será a última. Multiplicam-se os estudos científicos que apresentam previsões estarrecedoras: meteoritos, epidemias ou desastres climáticos capazes de varrer a qualquer momento o homem da face da terra... E, apesar disso, a História continua.

A novidade dos nossos dias talvez consista na falta de fé que, em nível global, se constata nas almas. Nos tempos passados multiplicavam-se procissões, devoções e penitências. O empenho em aplacar um Deus irado pela perversidade dos costumes estendia-se até aos pagãos. Assim o fizeram, por exemplo, os habitantes de Nínive, comovidos ao ouvir a voz do profeta (cf. Jn 3, 4-9). Hoje, porém, muitos dos que se dizem cristãos não possuem sequer a sensibilidade religiosa que animava aquele povo idólatra.

Deus nunca abandona seu povo. Nos momentos de grande calamidade, Ele envia almas providenciais, incumbidas de alertar os homens e mostrar-lhes o caminho da santidade. Por meio delas oferece, mais uma vez, a salvação ao mundo. Foi o que aconteceu com Santa Catarina de Sena, numa época especialmente crítica da História da Igreja.

As vozes que trazem da parte de Deus a solução para as mais graves crises são, contudo, raramente ouvidas e muitas vezes perseguidas. Não é de estranhar pois, “se chamaram de Beelzebul ao pai de família, quanto mais o farão às pessoas de sua casa!” (Mt 10, 25). Essas almas proféticas seguem, assim, as pegadas d’Aquele que, tendo amado os seus “até o fim” (Jo 13, 1), não foi por eles recebido (cf. Jo 1, 11).

A situação atual surpreende também por sua semelhança com o caos que se seguiu à Crucifixão. Um clima de pânico, insegurança e desorientação envolveu os seguidores de Cristo por causa de sua falta de fé, a ponto de muitos pensarem em desistir, como fizeram os discípulos de Emaús.

Estes últimos prefiguravam os cristãos de hoje que, julgando-se defraudados por Deus, decidiram afundar-se novamente no ateísmo prático do qual Jesus os havia libertado. Abandonando o local onde a Igreja se encontrava reunida, eles tomaram o caminho de retorno para suas casas; o Redentor, porém, não desistiu: foi à sua procura, desejoso de que se arrependessem e salvassem.

Nem todos, porém, agem como esses discípulos quando abordados pelo Divino Mestre. Na maioria dos casos, Ele é ignorado, desprezado e até increpado. Mesmo quando, conforme profetiza o Apocalipse, os homens sofrem merecidos castigos, em vez de mudar de vida eles se revoltam e maldizem a Deus (cf. Ap 16, 8-11).

Nosso Senhor profetizou guerras, “fome, peste e grandes desgraças em diversos lugares”, advertindo que “tudo isto será apenas o início das dores” (Mt 24, 7-8). Estaremos vivendo agora este tempo? Seja como for, nossa salvação não virá jamais de soluções humanas, mas de uma fé autêntica em Deus, própria a gerar verdadeiras obras de conversão. ✧



Santa Catarina de Sena - Real Mosteiro de Santo Domingo, Caleruega (Espanha)

Foto: Francisco Lecaros



“A paz esteja convosco”

Almejais a paz, procurais insistentemente a paz, mas não a encontrais. Por quê? Porque a procurais onde ela não está nem pode estar. Ninguém pode fruir a verdadeira paz se não se reconciliar com o Autor da paz, consigo mesmo e com o próximo.

Aquele que anunciou a paz ao nascer; Aquele que, na véspera da Paixão, no-la deixou; Aquele que, invocando-a, exalou seu espírito, também hoje, ressuscitado, anuncia-a novamente. E esta é a primeira palavra com a qual Ele induz os discípulos a reconhecê-Lo: [...] “A paz esteja convosco” (Jo 20, 19). [...]

**Almejais a paz,
mas não a encontrais**

Também a nós é oferecida hoje a felicidade dada aos Apóstolos, pois a paz foi prometida tanto aos próximos quanto aos longínquos, e Aquele que é nossa paz, Jesus Cristo, exorta também a nós, hoje, com essa saudação.

Haverá quem se recuse a encontrar no Senhor aquilo que procurou longa e inutilmente, perambulando distante d’Ele? Então, não queirais perambular, ó diletíssimos. Almejais a paz e a procurais insistentemente, mas não a encontrais. Por quê? Porque a procurais onde ela não está nem pode estar.

“Há nos seus caminhos infelicidades e aflições, e não conheceram a via da paz” (Is 59, 7-8). Esta é, conforme afirma o próprio Deus, a situação daqueles que esperam encontrar no pecado a paz e a tranquilidade. Esperam a calma e desembocam na tempestade; em vez da alegria pro-

metida, encontram apenas tédio, angústia e terror: na verdade, sentem sobretudo crescer em si mesmos uma tétrica amargura precisamente lá onde, enganados por uma falsa imagem de bem, lhes tinha sido prometida a máxima felicidade.

“Aprende de Mim e achareis a paz”

Isso não surpreende. Ninguém pode fruir a verdadeira paz se não se reconciliar com seu Autor, consigo mesmo e com o próximo. A car-

*Quando cedemos
à concupiscência
para aplacar o
inimigo, mais
o excitamos,
armando-o contra
Deus e o espírito*

ne breme contra o espírito, o espírito contra a carne: é este nosso incessante conflito interior. Quando cedemos à concupiscência para aplacar o inimigo, mais o excitamos, armando-o contra Deus e o espírito, que é nossa parte essencial, o valor supremo de nós mesmos.

Queremos, em alguma oportunidade, obter finalmente aquela paz tão almejada, tanto quanto nos seja possível neste vale de lágrimas? Esforcemo-nos por debilitar aquele inimigo que não podemos extirpar de nossas vísceras, subjugando-o ao espírito e à razão. Com a ajuda de Deus, podemos fazer isto. Daí se seguirá também, como ensina o Apóstolo, que “toda amargura, ira, indignação, gritaria e calúnia serão removidas do meio de nós, bem como toda malícia” (Ef 4, 31).

Sejamos, pois, “benévolos, misericordiosos e generosos uns com os outros, como Deus que Se deu a nós em Cristo” (Ef 4, 32), e com alegria sentiremos confirmada por nossa própria experiência a confiança nesta divina promessa: “Aprende de Mim que sou manso e humilde de coração, e achareis a paz para vossas almas” (Mt 11, 29).

**Se Cristo não ressuscitou,
vã é a nossa fé**

Especial atenção requerem deveras, ó diletíssimos, estas outras palavras: “Censurou-lhes a incredulidade e dureza de coração, por não acreditarem naqueles que O viram ressuscitado” (Mc 16, 14).

Mais de uma vez haviam pecado os Apóstolos, com maior ou menor gravidade; entretanto, só uma vez Cristo os censurou. Que significa isto

senão seu desejo de que lhes desagradasse especialmente o que a Ele também desagradava de modo especial?

Queria, com efeito, que removessem o principal obstáculo para a paz antes que, oferecendo-a em primeiro lugar com as palavras “a paz esteja convosco”, logo a seguir repetidas, esta lhes fosse efetivamente entregue como dádiva. Pois, que lugar pode restar para a paz e a tranquilidade numa alma em que, banida a fé, há um perpétuo conflito de opiniões, um desmesurado domínio da ganância desenfreada?

Reconheçamos: se Cristo não ressuscitou, vã é nossa fé; mas se ressuscitou, Ele é Deus. Então, seus ensinamentos e revelações são divinos. Uma só é a fé capaz de satisfazer as mentes desviadas cá e lá por diferentes ventos da doutrina, e de apaziguar os espíritos inquietos. Se alguém duvida que Cristo ressuscitou, esse deve ser considerado verdadeiramente cego pela sua malícia, como quem não vê aquilo que é mais claro que a própria luz. [...]

Os incrédulos não terão repouso

Refletindo sobre isso e ouvindo em sua consciência a reprovação do Senhor, o que sentirão na alma os incrédulos?

Oh, miseráveis se, circundados por tão límpida luz, não a veem! Mais miseráveis ainda se, vendo-a, não creem nela, pois com isso ofendem sumamente a Deus. Inimigos de si mesmos, persistem em recusar a paz que Ele benignamente lhes oferece.

Entretanto, crerão por fim quando O virem em sua majestade, quando O ouvirem reprová-los, já não para sua salvação, como agora, mas para sua confusão, sua punição, seu desespero. Recusaram a bênção e



Monumento ao Papa Leão XII
Basílica de São Pedro (Vaticano)

*Ó miseráveis se,
circundados por
tão límpida luz,
não a veem! Mais
miseráveis ainda
se, vendo-a, não
creem nela*

Ele Se afastará deles: não terão repouso nem de dia nem de noite.

Compedei-vos de tão grande desgraça e rezai por eles, veneráveis irmãos, filhos diletíssimos. Regozijai-vos em vosso interior, considerando quão razoáveis, quão gloriosas e alegres são as coisas nas quais

crestes; e com quanto direito podemos dizer a Deus com o rei profeta: “Vossos testemunhos são por demais dignos de fé” (Sl 92, 5).

“Meu povo se estabelecerá na beleza da paz”

Portanto, arrependei-vos em prantos diante do Senhor quando reconhecerdes que vosso comportamento se afastou da santidade da fé que professais; quando, fascinados pelas falazes lisonjas da cobiça, vos entregardes à avareza, à luxúria ou ao orgulho; quando, enfim, tiverdes transgredido aquele preceito que o Senhor, desejoso de trazer para os homens a paz, chama de “seu mandamento”, dizendo: “Este é meu mandamento: amai-vos uns aos outros” (Jo 15, 12).

Assim, depois de removerdes todos os obstáculos à divina benevolência, também para vós se realizará o que se realizou para os Apóstolos: ouvireis o Senhor pronunciar duas vezes “a paz esteja convosco”, ou seja, com a primeira saudação Ele vos promete-rá, e com a segunda vos dará a paz.

Com essa sua paz que supera toda experiência interior, superabundando em vosso coração, exclamareis jubilosamente em união com a Igreja: “Alegramo-nos e exultemos neste dia que o Senhor fez para nós” (Sl 117, 24). Prestes a repetir isso com alegria infinitamente maior no dia em que, guardando até o último suspiro a paz, o coração e a vossa inteligência em Cristo Jesus, sereis incluídos na beatíssima categoria daqueles dos quais está escrito: “Meu povo se estabelecerá na beleza da paz, nos tabernáculos da fé, num esplêndido repouso” (Is 32, 18). ✧

Excertos de: LEÃO XII.
Homilia Qui pacem, 26/3/1826



Leopoldo Werner

Jesus com os discípulos de Emaús – Catedral de Notre-Dame, Paris

EVANGELHO

¹³ Naquele mesmo dia, o primeiro da semana, dois dos discípulos de Jesus iam para um povoado chamado Emaús, distante onze quilômetros de Jerusalém. ¹⁴ Conversavam sobre todas as coisas que tinham acontecido. ¹⁵ Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e começou a caminhar com eles. ¹⁶ Os discípulos, porém, estavam como que cegos e não O reconheceram. ¹⁷ Então Jesus perguntou: “O que

ides conversando pelo caminho?” Eles pararam, com o rosto triste, ¹⁸ e um deles, chamado Cléofas, Lhe disse: “Tu és o único peregrino em Jerusalém que não sabe o que lá aconteceu nestes últimos dias?” ¹⁹ Ele perguntou: “O que foi?” Os discípulos responderam: “O que aconteceu com Jesus, o Nazareno, que foi um Profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e diante de todo o povo. ²⁰ Nossos sumos sacer-

dotes e nossos chefes O entregaram para ser condenado à morte e O crucificaram. ²¹ Nós esperávamos que Ele fosse libertar Israel, mas, apesar de tudo isso, já faz três dias que todas essas coisas aconteceram! ²² É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos deram um susto. Elas foram de madrugada ao túmulo ²³ e não encontraram o Corpo d’Ele. Então voltaram, dizendo que tinham visto Anjos e que estes

Ver, reconhecer e amar o Senhor!

No próprio dia da Ressurreição, dois discípulos resolvem abandonar o Cenáculo. O Divino Mestre lhes vai ao encontro, ensinando como devemos conviver com Ele por meio da fé e do amor.



Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

I – PERDOADOS PELO SANGUE REDENTOR

Os textos litúrgicos deste 3º Domingo da Páscoa formam um conjunto harmônico e cheio de expressividade a respeito de um ponto essencial na vida da Igreja: o convívio com Nosso Senhor Jesus Cristo.

Na primeira leitura (At 2, 14.22-33) encontramos São Pedro no dia de Pentecostes, dizendo

aos israelitas verdades claras e categóricas, que os obrigam a sair da indiferença em relação ao deicídio consumado há pouco em Jerusalém. Tomado pelo Espírito Santo, ele os recrimina por terem sido cúmplices na Morte do Redentor, dirigindo-lhes palavras de fogo que movem ao arrependimento, como se lê alguns versículos à frente, não incluídos na Liturgia: “Ao ouvirem

afirmaram que Jesus está vivo.

²⁴ Alguns dos nossos foram ao túmulo e encontraram as coisas como as mulheres tinham dito. A Ele, porém, ninguém O viu”.

²⁵ Então Jesus lhes disse: “Como sois sem inteligência e lentos para crer em tudo o que os profetas falaram! ²⁶ Será que o Cristo não devia sofrer tudo isso para entrar na sua glória?” ²⁷ E, começando por Moisés e passando pelos profetas, explicava aos discípulos todas as passagens da Escritura que falavam a respeito

d’Ele. ²⁸ Quando chegaram perto do povoado para onde iam, Jesus fez de conta que ia mais adiante. ²⁹ Eles, porém, insistiram com Jesus, dizendo: “Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando!” Jesus entrou para ficar com eles. ³⁰ Quando Se sentou à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e lhes distribuía. ³¹ Nisso os olhos dos discípulos se abriram e eles reconheceram Jesus. Jesus, porém, desapareceu da frente deles. ³² Então um disse

ao outro: “Não estava ardendo o nosso coração quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?” ³³ Naquela mesma hora, eles se levantaram e voltaram para Jerusalém, onde encontraram os Onze reunidos com os outros. ³⁴ E estes confirmaram: “Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!” ³⁵ Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho e como tinham reconhecido Jesus ao partir o pão (Lc 24, 13-35).

Esse trecho dos Atos dos Apóstolos ressalta a instauração de uma nova via espiritual, em que as graças místicas descem em profusão sobre as almas contritas



Chegada das Santas Mulheres ao Sepulcro, por Fra Angélico
Museu de São Marcos, Florença (Itália)

essas coisas, ficaram compungidos no íntimo do coração” (2, 37). Concluído o discurso, dá-se o impressionante milagre de toda aquela gente ser batizada sem necessidade de uma longa preparação, elevando-se “a mais ou menos três mil o número dos adeptos” (2, 41).

A força manifestada por São Pedro nessa pregação é indicativa da presença do Divino Mestre junto àqueles que O representavam, conforme prometera: “Onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estou Eu no meio deles” (Mt 18, 20).

Por outro lado, esse trecho dos Atos dos Apóstolos ressalta a instauração de uma nova via espiritual, em que as graças místicas descem em profusão sobre as almas contritas, sem lhes exigir grandes penitências para expiar os erros passados. Em virtude do valor infinito do Preciosíssimo Sangue de Cristo derramado no Calvário, até os piores crimes são inteiramente apagados quando o pecador os reconhece e deles pede perdão. Por isso, o fruto do sermão de São Pedro não consistiu em lamentações estéreis. Pelo contrário, apesar de sentirem dor pelo mal cometido, seus ouvintes experimentaram a consolação de ver abertas diante de si as portas da Redenção e muitos devem ter saído dali ávidos por transmitir a outros as graças recebidas.

Na segunda leitura (I Pd 1, 17-21) nos deparamos com outras afirmações estupendas do Príncipe dos Apóstolos, registradas em sua primeira epístola. Depois de exortar à perfeição lembrando

do o alto preço com que Cristo resgatou a humanidade “da vida fútil” (1, 18), acrescenta: “Antes da criação do mundo, Ele foi destinado para isso e, neste final dos tempos, Ele apareceu por amor de vós” (1, 20). Trata-se de um mistério sublime, que somente na eternidade conseguiremos abarcar por inteiro: sendo-Lhe possível constituir um universo onde houvesse apenas seres inocentes e incapazes de ofendê-Lo, Deus preferiu tirar do nada a realidade

que conhecemos, marcada pelo erro e pelo pecado, mas na qual, em contrapartida, fulguraria a entrega plena do Filho e sua Ressurreição gloriosa, o mais belo acontecimento de toda a História!

Essa alegria do perdão comprado por Aquêle que Se fez presente entre nós transparece também no Evangelho, embora com matizes diferentes das leituras. Ao narrar em seu agradável estilo o convívio de Nosso Senhor com os dois discípulos de Emaús, São Lucas leva-nos a como que assistir à cena e dela participar, tornando fácil a compreensão das maravilhas contidas nessa passagem.

II – DUAS ALMAS VACILANTES NA FÉ

No decorrer do Tempo Pascal a Liturgia traz a lume a sequência de episódios sucedidos no dia da Ressurreição, entre os quais está a aparição do Senhor a Maria Madalena (cf. Jo 20, 11-18) e às Santas Mulheres (cf. Mt 28, 8-10). Para melhor acompanharmos os versículos deste domingo, convém recordar a atitude delas perante o Ressuscitado, crendo sem exigir maiores explicações. Enquanto a irmã de Marta, que chorava junto ao sepulcro vazio, reconheceu o Mestre e acreditou em sua vitória sobre a morte quando Ele simplesmente a chamou pelo nome (cf. Jo 20, 16), as damas que corriam a transmitir aos Apóstolos a boa nova anunciada pelo Anjo tão só ouviram Jesus saudá-las – “Alegrai-vos!” – e se prostraram para abraçar-Lhe os pés (cf. Mt 28, 9).

Muito diferente é a reação dos dois varões que protagonizam o trecho de São Lucas. Eles não pertenciam ao conjunto dos doze Apóstolos, mas, por serem discípulos, tinham convivido de perto com Nosso Senhor, assistindo a inúmeros milagres e recebendo amiúde seus ensinamentos. Contudo, no próprio domingo, quando já circulavam notícias sobre a Ressurreição, eles se destacam do grupo dos seguidores do Mestre e tomam o caminho para Emaús, cidade pequena, tranquila e provavelmente a terra natal de ambos. A partida de Jerusalém revela o quanto estavam abalados na fé e, no fundo, à procura de uma situação mais segura e cômoda que o drama no qual se debatiam desde o início da Paixão.

Decerto os dois haviam trocado impressões e planejado ausentar-se do Cenáculo de maneira discreta, combinando que cada qual atravessaria uma porta diferente da cidade e seguiria sozinho até certo ponto do caminho, onde se encontrariam para prosseguir viagem juntos.

Rumo à deserção

¹³ Naquele mesmo dia, o primeiro da semana, dois dos discípulos de Jesus iam para um povoado chamado Emaús, distante onze quilômetros de Jerusalém.

¹⁴ Conversavam sobre todas as coisas que tinham acontecido.

Podemos imaginar os dois personagens portando um bastão, quiçá cabisbaixos, a avançar pela estrada irregular. Segundo a distância indicada pelo Evangelista, tinham diante de si mais ou menos duas horas de percurso a pé. Abatidos, transmitiam um ao outro as desconfianças e angústias acumuladas nos últimos dias, confirmando-se mutuamente numa visualização distorcida sobre os acontecimentos vividos.

Entre as várias razões que os levavam a tal desalento, está em primeiro lugar o equivocado conceito, corrente entre os judeus, de um Messias político, que libertaria Israel

da opressão romana e alçaria a nação eleita aos píncaros da glória. À vista dos milagres realizados por Nosso Senhor, muitos israelitas O associaram a essa imagem deturpada, julgando encontrar-se n'Ele a solução para os problemas econômicos, pois possuía poder de multiplicar o alimento, curar as doenças, expulsar os demônios e até restituir a vida aos mortos.

Essa mentalidade persistia mesmo entre os que, tocados por uma graça, se decidiam a deixar tudo para segui-Lo. Alguns mediam a popularidade alcançada por Jesus em tão pouco tempo de vida pública e, considerando a jovem idade d'Ele, punham-se a sonhar com o futuro daquele empreendimento. Se os filhos de Zebedeu chegaram a pedir a Nosso Senhor a concessão de cargos de honra no Reino, provocando a indignação dos demais Apóstolos, os quais cobiçavam igual projeção (cf. Mc 10, 35-41), é provável que tais ventos de ambição corresse também entre os discípulos.

Para os dois que se deslocavam rumo a Emaús tudo parecia arruinado, inclusive a imagem de Nosso Senhor enquanto Homem no qual depositavam sua segurança. Cabe observar que o contato com os Onze deve ter colaborado para aumentar-lhes o medo e a incredulidade pois, como narra o próprio São Lucas, as notícias trazidas pelas mulheres “pareciam-lhes como um delírio, e não lhes deram crédito” (Lc 24, 11).

Cioso por dar à Igreja nascente um impulso de força e energia, Nosso Senhor toma a inicia-

*Perante o
Ressuscitado,
Santa Maria
Madalena
e as Santas
Mulheres
tomaram uma
atitude de Fé,
crendo, sem
exigir maiores
explicações*



“Noli me tangere”, por Fra Angélico
Museu de São Marcos, Florença (Itália)

Gustavo Kralj

Embora lhes faltasse uma fé robusta, suas preocupações giravam em torno da Pessoa de Nosso Senhor, e isto propiciou a intervenção d'Ele



Os discípulos de Emaús, por Jan Wildens
Museu Nacional do Hermitage, São Petersburgo (Rússia)

tiva de resgatá-los, fazendo-lhes o bem omitido pelos Apóstolos. Assim Ele procederá em outras ocasiões no decurso da História, ao promover a salvação das almas apesar da negligência dos escolhidos para ampará-las.

A má tristeza torna as almas cegas para Deus

¹⁵ Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus Se aproximou e começou a caminhar com eles. ¹⁶ Os discípulos, porém, estavam como que cegos e não O reconheceram.

Chama a atenção o modo discreto como o Redentor Se aproxima deles, sem as fulgurações próprias ao corpo glorioso, pois não queria obrigá-los a acreditar na Ressurreição. Comenta Teofilato que Cristo agiu assim com os discípulos “para que manifestassem toda a sua vacilação e, descobrindo a ferida, encontrassem o remédio”.¹ Os dois, pensando ser Ele apenas mais um transeunte, não se incomodaram com a companhia de um estranho e continuaram a debater.

Embora lhes faltasse uma fé robusta, suas preocupações giravam em torno da Pessoa de Nosso Senhor, e isto propiciou a intervenção d'Ele. Também nós, se desejamos ouvir uma palavra de Jesus, devemos conversar sobre assuntos elevados, relacionados com Ele e com o sobrenatural.

¹⁷ Então Jesus perguntou: “O que ides conversando pelo caminho?” Eles pararam, com o rosto triste,¹⁸ e um deles, chamado Cléofas, Lhe disse: “Tu és o único peregrino em Jerusalém que não sabe o que lá aconteceu nestes últimos dias?”

Desde toda a eternidade Nosso Senhor conhecia o que eles falavam, mas, para ajudá-los a abrir a alma à sua ação, interroga-os de maneira bondosa e suave.

Ao ouvir a pergunta, os dois se detêm. Esse detalhe nos permite conjecturar que, até este momento, Jesus caminhava atrás deles; agora, acelerando a marcha, põe-Se ao seu lado e lhes dirige a palavra.

A languidez estampada no rosto de ambos, reflexo do estado de ânimo dos Apóstolos, colaborava para a falta de fé, pois a má tristeza cega os corações para Deus e ensurdece os ouvidos à sua voz. Tal disposição de espírito é muito mais pernicioso à prática da virtude do que a alegria desequilibrada.

O fato de apenas Cléofas estar nomeado no texto nos leva a supor ser o próprio São Lucas o outro viandante. Aquele discípulo responde a Jesus com presteza e naturalidade, revelando uma virtude indispensável para os que se dedicam ao apostolado: a hospitalidade. Essas duas almas, apesar de fra-

cas na fé, gostavam de se relacionar com os outros e de fazer-lhes o bem. Ao se depararem com um viajante interessado no assunto sobre o qual discutiam, logo O admitem na conversa.

“Não quebrará o caniço rachado, não extinguirá a mecha que ainda fumeja” (Is 42, 3), profetizara Isaías a respeito do Salvador. Será por meio da benquerença ao próximo, ainda acesa no interior daqueles discípulos, que Nosso Senhor lhes fortalecerá o amor e a fé.

É compreensível o espanto de Cléofas ante o alheamento do viajante, o qual parecia estar retornando de Jerusalém, pois a Morte de Jesus convulsionara a cidade. Além da movimentação popular, assombrosos fenômenos haviam se verificado: o sol se escureceu e o véu do Templo se rasgou pelo meio (cf. Lc 23, 45); a terra tremeu, fenderam-se as rochas; as sepulturas se abriram e muitos justos ressuscitaram (cf. Mt 27, 51-52).

Corações endurecidos pela falta de fé

¹⁹ Ele perguntou: “O que foi?” Os discípulos responderam: “O que aconteceu com Jesus, o Nazareno, que foi um Profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e diante de todo o povo”.

Nosso Senhor não afirma estar ciente dos fatos, mas também não o nega. Valendo-Se de um curioso estratagem, faz uma pergunta que dá

oportunidade aos discípulos de exporem suas dúvidas e perplexidades. Trata-se de um método divino para lidar com corações tíbios, susceptíveis de se ofenderem e encherem-se de fúria contra quem os corrige. Ele, a infinita Paciência, ouve com toda a calma o que os dois têm a dizer.

Sinal evidente dos questionamentos interiores de ambos é a convicção apresentada logo de início, ao descreverem Jesus como “um Profeta poderoso em obras e palavras”. Eles sabiam que o Mestre não era somente um Profeta e sim o próprio Filho de Deus encarnado, mas têm receio de declará-lo, guiando-se pelos raciocínios falhos montados naqueles dias, e não por aquilo que conheciam das Escrituras e das revelações feitas por Jesus.

Como se vê, eles eram homens instruídos, fecundos em ideias, mas faltava-lhes a flexibilidade das almas de fé, a docilidade nascida da esperança e o ardor característico da caridade. Seus corações haviam se tornado endurecidos e tíbios, fechados a tudo quanto contrariasse os próprios critérios.

Apego a uma ordem de coisas ultrapassada

²⁰ “Nossos sumos sacerdotes e nossos chefes O entregaram para ser condenado à morte e O crucificaram”.

Este versículo deixa transparecer o quanto ambos ainda nutriam admiração pelos poderes cor-

Curiosamente não atinam para a incongruência de “um Profeta poderoso em palavras e obras” ser assim condenado pelas autoridades religiosas



Jesus diante de Anás – Mosteiro de São Martinho Pinário, Santiago de Compostela (Espanha)

Francisco Lecaros

Não se tratava simplesmente de “alguns dos nossos”, mas de duas testemunhas da melhor categoria

rompidos que compunham o *establishment* judaico de então. Eles não demonstram horror às medidas injustas tomadas em relação a Jesus, parecendo incomodados apenas por não compreenderem o motivo de tal decisão. Consternados, como que dizem: “Houve alguma calúnia, agiram em função de informações erradas; nossos sumos sacerdotes e nossos chefes não podem errar!”

Curiosamente, não atinam para a incongruência de “um Profeta poderoso em palavras e obras diante de Deus e dos homens” ser assim condenado pelas autoridades religiosas.

As boas notícias assustam quem não tem fé

²¹ “Nós esperávamos que Ele fosse libertar Israel, mas, apesar de tudo isso, já faz três dias que todas essas coisas aconteceram!” ²² É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos deram um susto. Elas foram de madrugada ao túmulo ²³ e não encontraram o Corpo d’Ele. Então voltaram, dizendo que tinham visto Anjos e que estes afirmaram que Jesus está vivo”.

Explicitando uma a uma as ideias erradas que lhes povoavam a mente, mencionam a libertação de Israel como o auge de suas expectativas em relação a Nosso Senhor e, para justificar o desalento no qual haviam caído, alegam já terem se passado “três dias”. De tal detalhe podemos deduzir que eles, antes de partir de Jerusalém, expuseram suas dúvidas aos Apóstolos e estes, tentando convencê-los a esperar um pouco mais, lembraram a profecia do Mestre: “O Filho do Homem deve ser entregue nas mãos dos homens. Matá-



São Pedro e São João contemplam o túmulo vazio
Museu do Escorial (Espanha)

-Lo-ão, mas ao terceiro dia ressuscitará” (Mt 17, 21-22).

Se eles mantivessem acesa ao menos uma pequena labareda de fé, a notícia trazida pelas mulheres teria sido motivo de esperança e exultação: “Tudo está solucionado, realizou-se o que Ele previra!” E estariam sôfregos por obter mais informações a respeito. Bem diferente, porém, foi sua atitude, conforme narram agora a Jesus, enfatizando que as damas lhes deram “um susto”. No fundo, censuram a imprudente visita ao sepulcro de madrugada e, com a expressão “voltaram dizendo”, evidenciam seu

desprezo pelo testemunho delas.

Assim age a Providência com certas almas muito afeitas à ciência, mas desprovidas das luzes do Espírito Santo: deixa-as livres para aceitar ou recusar as inspirações proféticas e místicas, permitindo que pessoas menos instruídas passem à frente na fé e deem o exemplo. Em geral, tais espíritos doutos não se encantam com as boas disposições desses que lhes tomam a dianteira; pelo contrário, sempre prevenidos contra qualquer critério alheio aos da própria mente, mostram-se chocados.

²⁴ “Alguns dos nossos foram ao túmulo e encontraram as coisas como as mulheres tinham dito. A Ele, porém, ninguém O viu”.

Os que haviam corrido ao sepulcro naquela manhã e constatado a veracidade do relato das Santas Mulheres eram São Pedro e São João (cf. Jo 20, 1-10). Portanto, não se tratava simplesmente de “alguns dos nossos”, mas de duas testemunhas da melhor categoria: o primeiro Papa e o Discípulo Amado. Referindo-se assim aos dois Apóstolos, os que vão a Emaús tentam diminuir

a importância das notícias transmitidas por Maria Madalena e suas amigas, como se fossem invenção da imaginação feminina.

Enquanto eles falavam, Nosso Senhor ia criando graças especiais para lhes tocar o coração. E, a essas alturas, já se encontravam preparados para ouvir uma advertência.

“Como sois sem inteligência...!”

²⁵ Então Jesus lhes disse: “Como sois sem inteligência e lentos para crer em tudo o que os profetas falaram!”

O povo judeu possui grande capacidade natural de guiar-se pela lógica em seus raciocínios. Contudo, nem mesmo tal habilidade estava sendo bem empregada por eles: embora conhecessem muito, mostravam-se “sem inteligência” em seus juízos.

Com efeito, a lógica apresenta-se como um auxílio extraordinário para a vida espiritual, desde que as premissas sejam verdadeiras e sobre elas incida a luz da fé. Do contrário, só produzirá desastres. No caso de uma alma batizada, essa virtude suplanta inclusive a pouca inteligência quando se trata de discernir algo relacionado com Deus e com o mundo sobrenatural.

Por outro lado, esta passagem realça o empenho do Divino Mestre em ensiná-los, desenvolvendo na ocasião uma estupenda aula de Exegese e Teologia.

²⁶ “Será que o Cristo não devia sofrer tudo isso para entrar na sua glória?” ²⁷ E, começando por Moisés e passando pelos profetas, explicava aos discípulos todas as passagens da Escritura que falavam a respeito d’Ele.

Quando a fé se abala numa alma chamada a elevada missão, como é o caso dos dois discípulos, logo se desperta a preocupação com o prestígio terreno, o reconhecimento dos homens, a glória pessoal. A pergunta feita por Nosso Senhor atin-

gia as ambições de ambos, lembrando-lhes a glória de Deus, meta dos autênticos seguidores de Cristo, somente alcançada por meio da cruz.

Eles se impressionaram ao constatar como Jesus dominava os Livros Sagrados, narrando com detalhes e de cor inúmeros episódios e vaticínios concernentes ao Messias, desde Moisés até as últimas profecias.

Entretanto, mais importantes do que essa exposição doutrinária e até mesmo a presença física do Mestre eram as graças sensíveis e místicas que Ele concedia enquanto falava, fazendo-lhes “arder o coração”.

Jesus Se alegra ao ser convidado a permanecer conosco

²⁸ Quando chegaram perto do povoado para onde iam, Jesus fez de conta que ia mais adiante. ²⁹ Eles, porém, insistiram com Jesus, dizendo: “Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando!” Jesus entrou para ficar com eles.

O Divino Mestre utiliza um singular subterfúgio para formá-los, dando-lhes a entender que não pousaria em Emaús. De fato, no contexto daquela caminhada o povoado simbolizava a deserção dos dois discípulos, e não cabia a Nosso Senhor estar ali. Nesse sentido, é interessante observar como São Lucas registra o zelo do Salvador pelas almas, assinalando que sua

Quando a fé se abala numa alma chamada a elevada missão, logo se desperta a preocupação com o prestígio terreno



Cristo com os discípulos de Emaús, por Duccio di Buoninsegna
Museo dell’Opera del Duomo, Siena (Itália)

Reprodução

Na Eucaristia, não vemos a Nosso Senhor, mas o reconhecemos e amamos!

intenção ao entrar no lugarejo consistia em “ficar com eles”.

Por outro lado, Jesus quis incitar em ambos o desejo de continuar o convívio a fim de que, ao manifestarem sua benquerença por Nosso Senhor, crescessem na virtude, posto que amá-Lo significa amar o próprio Deus. A perspectiva de drama já havia desaparecido a essas alturas, e eles se encontravam inundados de consolações.

Era comum naquele tempo hospedar viajantes em casa durante a noite, oferecendo alimento e repouso até o dia seguinte. Por isso, eles pleiteiam com Jesus, alegando o tardio do horário: “Fica conosco”! Depois de alguma insistência, Nosso Senhor aceita a proposta, pois Se alegra ao ser convidado a permanecer com os seus.

Uma figura da Eucaristia

³⁰ Quando Se sentou à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e lhes distribuía. ³¹ Nisso os olhos dos discípulos se abriram e eles reconheceram Jesus. Jesus, porém, desapareceu da frente deles.

Reunidos os três para o jantar, Nosso Senhor tomou o pão e o abençoou, gesto reservado a quem presidia uma refeição. Embora não se tratasse da Consagração Eucarística, o Sacramento de seu Corpo e Sangue estava ali figurado, e nis-

so os discípulos O reconheceram. Ele, então, desapareceu. Por quê?

A partir daquele momento, eles deveriam se manter firmes na fé mesmo sem O verem fisicamente, pois seria este o regime de graças no qual se desenvolveria a vida da Igreja no decorrer dos séculos. Nosso Senhor Se faz presente junto a todos os batizados, em especial quando se reúnem em função d’Ele e, querendo-se bem uns aos outros, procuram crescer na fé e no amor a Deus.

³² Então um disse ao outro: “Não estava ardendo o nosso coração quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?”

Transformados pelo convívio com o Mestre, eles perceberam quantas graças de fervor haviam recebido enquanto O ouviam ensinar ao longo do caminho. A palavra d’Ele fora acompanhada por uma profunda ação do Espírito Santo, mediante a qual o coração de ambos, antes frio pela incredulidade, se encheu de fogo.

Essas excelentes disposições os impeliram a tornar seus irmãos de ideal partícipes da mesma alegria e consolação.

O entusiasmo é difusivo

³³ Naquela mesma hora, eles se levantaram e voltaram para Jerusalém, onde encontraram os Onze reunidos com os



João Paulo Rodrigues

Eucaristia presidida por Mons. João Scognamiglio Clá Dias, Basílica de Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP), 1/1/2020

outros. ³⁴ E estes confirmaram: “Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!” ³⁵ Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho e como tinham reconhecido Jesus ao partir o pão.

Provavelmente sem terminar o jantar, eles se levantaram “naquela mesma hora” e, cheios de entusiasmo, dirigiram-se às pressas a Jerusalém, a fim de comunicar tudo aos Onze. Embora fosse noite, não se amedrontaram com o risco de ladrões e, decerto, comentaram durante todo o trajeto a aparição do Senhor. Quando chegaram ao Cenáculo, já quase sem fôlego, fizeram um relato emocionado, rico em pormenores e marcado pelo enlevo.

Alguns tomaram a notícia como mais uma confirmação da Ressurreição, contando aos dois o que sucedera a Pedro; outros, entretanto, não sentiam o mesmo calor de alma e continuaram temerosos e incrédulos, como indica São Marcos (cf. Mc 16, 13). A todos eles Nosso Senhor apareceria pouco depois, “enquanto ainda falavam dessas coisas” (Lc 24, 36), episódio narrado por São Lucas nos versículos subsequentes aos selecionados para a Liturgia deste domingo.

III – “MANE NOBISCUM, DOMINE!”

Sublime foi o convívio de Jesus com os discípulos de Emaús; entretanto, eles só O reconheceram quando abençoou e fracionou o pão. Quão mais feliz é a nossa situação ao nos aproximarmos com fervor da Eucaristia: não vemos a Nosso Senhor, mas O reconhecemos e amamos!



Discípulos de Emaús – Igreja Nossa Senhora da Glória, Juíz de Fora (MG)

Receber a Comunhão significa um colossal privilégio, do qual nenhum justo do Antigo Testamento se beneficiou. Abraão, Isaac, Jacó, Moisés, Davi, Gedeão e tantos outros estariam dispostos a ressuscitar e enfrentar novos sofrimentos na terra para comungar uma só vez!

Nosso Senhor afirmou: “Se alguém Me ama, guardará a minha palavra e meu Pai o amará, e Nós viremos a ele e nele faremos nossa morada” (Jo 14, 23). Quando Jesus Eucarístico entra numa alma, não deseja mais sair. Todavia, a exemplo do Evangelho de hoje, Ele espera nosso pedido para que permaneça conosco. Ademais, cabe a nós tomar todo o cuidado a fim de que

Permaneça conosco, Senhor! Não nos permitais tomar o caminho de Emaús

Ele não Se vá. Para tal, devemos evitar as ocasiões de pecado e rezar. Muito nos ajudará também conversar sobre temas elevados, relacionados com a Religião, a eternidade, o Céu.

A Eucaristia é o melhor remédio para quem se sente fraco na fé, a mais abundante fonte de ânimo para os que querem atravessar incólumes os períodos de aridez. Saibamos procurar o Senhor e suplicar-Lhe que acenda labaredas de amor em nosso coração: “*Mane nobiscum, Domine!* Permaneça conosco! Não nos permitais tomar o caminho de Emaús. E se algum dia, surdos à vossa graça, nos desviarmos, buscai-nos como fizestes com os discípulos que hoje a Liturgia considera. Vós, que sois a Sabedoria, penetrai com vossas luzes em cada um de nós, dando-nos uma fé ardente em tudo aquilo que a Igreja nos mostra e o Espírito Santo sopra em nossas almas”. ✧

¹ TEOFILATO, apud SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Catena Aurea. In Lucam*, c.XXIV, v.13-24.

“Vossos nomes estão escritos no Céu”

Ai daqueles cujos nomes não estiverem inscritos nos Céus pois, quando Deus enviar o castigo para punir quem tiver adorado os deuses falsos, eles, sem dúvida, soçobrarão.



Pe. Thiago de Oliveira Geraldo, EP¹

São Cirilo de Alexandria, Patriarca dessa famosa cidade egípcia, então pertencente ao Império Romano, afirma que na época de Nosso Senhor Jesus Cristo o demônio era adorado na terra inteira: “Satanás dominava sob o céu. Tinha a todos submetidos e não havia quem pudesse fugir dos seus laços opressores”.² Havia tal quantidade de templos dedicados aos demônios que resultava impossível contá-los. E, pior, não faltavam pessoas que lhes oferecessem sacrifícios.

Ora, terá acontecido esse horror apenas quando Deus Se encarnou para redimir o gênero humano? Ou houve em outros períodos da História situações análogas?

Basta folhar algumas páginas das Sagradas Escrituras para encontrarmos resposta.

Dois profetas anunciam o castigo ao povo eleito

Há no Antigo Testamento um profeta, pouco conhecido, que põe em evidência o quanto a adoração ao demônio acarretou a manifestação da cólera divina em seu tempo.

Baruc, que em hebraico significa *bendito*, era secretário de Jeremias. Ambos profetizaram que, se o povo eleito não se convertesse, o Senhor lhe enviaria um castigo. E, como não houve emenda de vida, Deus cumpriu a ameaça: no ano 586 a.C., Jerusalém foi destruída e muitos tiveram de ir para o Egito, enquanto outros foram deportados para a Mesopotâmia.

Depois de quatro anos em terra estrangeira, o povo havia se dispersado e alguns começavam a vacilar na fé. Então o profeta Baruc dirigiu-se à Babilônia para lhes reafirmar com uma

mensagem de Jeremias. Um ano mais tarde, retornou a Jerusalém a fim de consolar um reduzido grupo de fiéis que permanecia na cidade, levando alguns vasos sagrados e uma coleta de donativos, ocasião em que lhes leu o seu livro.³ A essa triste situação estavam reduzidos os filhos de Deus!

Jeremias havia enviado Baruc não só com o intuito de mandar-lhes uma ajuda financeira, mas para lhes recordar a Lei. Ao emissário cabia, sobretudo, exortar o povo a praticar os Mandamentos Divinos. Eis a principal missão dos profetas.

Sacrificavam crianças vivas aos demônios

Diante desse panorama trágico, uma pergunta pode surgir ao leitor: por que Jerusalém, cidade dos eleitos, foi destruída?



O mesmo profeta Baruc nos oferece a resposta: “Havíeis exasperado vosso Criador, ofertando sacrifícios aos demônios e não a Deus. Esquecesteis o vosso Criador, o Deus eterno, e contristastes Jerusalém, vossa nutriz. Esta viu precipitar-se sobre vós a ira divina, e clamou: Escutai, vizinhas de Sião! Fez-me Deus suportar cruel tormento” (Br 4, 7-9).

Portanto, a Cidade Santa foi destruída, entre outras razões, porque o povo sacrificava aos demônios e tal pecado desgostou o Senhor. Mas será esse o único profeta a relatar que, no Antigo Testamento, as pessoas chegaram a adorar o demônio?

Outros trechos das Sagradas Escrituras também denunciam essa prática detestável (cf. Dt 32, 17; Sl 105, 37-38; Is 57, 3-13; Jr 32, 35; Ez 23, 37). Entre os ídolos daqueles tempos contava-se Moloc, “deus” dos amonitas. Tratava-se de uma estátua de bronze, com corpo humano e cabeça que variava entre touro e leão, em cujo peito havia uma cavidade repleta de brasas incandescentes, onde se jogavam criancinhas vivas como sacrifício ao demônio (cf. Lv 20, 3; II Rs 16, 3; 17, 17; 21, 6).

E Ezequiel, um dos quatro profetas maiores, descreve no seu capítulo oitavo uma abominação ainda maior...

Cultos satânicos no Templo de Deus

Ezequiel narra que estava em casa com alguns anciãos de Judá, quando viu repentinamente uma silhueta lu-

minosa, a qual do ventre para baixo parecia de fogo. Era o próprio Deus que vinha até ele.

O Senhor agarrou-o pelos cabelos e o conduziu à Cidade Santa, onde o profeta pôde divisar a estátua de um demônio na porta do Templo do Deus verdadeiro: “O espírito levantou-me entre o céu e a terra, e me levou a Jerusalém, em visões divinas, à entrada da porta interior que olha para o norte, lá onde se erige o ídolo que provoca o ciúme do Senhor” (Ez 8, 3).

Ezequiel assustou-se, mas Deus o advertiu de que ainda contemplaria cenas piores: “Filho do homem, disse-me, vês tu a abominação que praticam, como eles procedem na casa de Israel, para que Eu Me afaste do meu santuário? Verás, todavia, coisas muito mais graves” (Ez 8, 6).

Levou-o então até a entrada do pátio, em cujo muro havia uma abertura. Eles a atravessaram e se depararam com uma porta secreta. Ao transpô-la, Ezequiel viu-se em uma sala repleta de figuras de animais peçonhentos e de pinturas de ídolos em volta das paredes. Setenta anciãos de Israel os adoravam, cada um com seu turíbulo nas mãos!

Continua a narração: “Filho do homem, disse-me Ele, vês tu o que fazem os anciãos de Israel na obscuridade, cada um deles em sua câmara, guarnecida de ídolos, pensando que o Senhor não os vê, e que Ele abandonou a terra? E ajuntou: Verás ainda abominações mais graves que eles estão cometendo” (Ez 8, 12).

Espanta-nos pensar que, assim como nós incensamos o altar e o livro da Palavra de Deus durante as Santas Missas, eles ofereciam incenso aos demônios!

Entre o vestibulo e o altar...

Em seguida, Deus o levou a uma porta que ficava na parte norte da construção. Quando entrou, Ezequiel se deparou com algumas mulheres que choravam por Tamuz, um ídolo da Mesopotâmia.

Uma vez mais o profeta se assustou, e Deus disse que o faria ver coisas piores no interior do Templo. Então o conduziu ao centro do edifício sagrado, entre o vestibulo e o altar, lugar reservado aos sacerdotes. Ali encontrou vinte e cinco homens.

Seriam mesmo sacerdotes? Provavelmente sim. Contudo, em vez de adorar o Deus verdadeiro, eles cultuavam o Sol que nascia...

Transcreve Ezequiel as palavras de Deus após mostrar-lhe essas cenas: “Filho do homem, disse-me Ele, vês isto? Não basta à casa de Judá entregar-se a esses ritos abomináveis que aqui se praticam? Haverá ainda ela de encher a terra de violência, e não cessará de Me irritar? Ei-los que trazem o ramo ao nariz. Está bem! Eu, de minha parte, procederei com furor, não terei condescendência, serei impiedoso. Inutilmente clamarão a meus ouvidos, não os ouvirei” (Ez 8, 17-18).

A Cidade Santa foi destruída, entre outras razões, porque o povo sacrificava aos demônios e tal pecado desgostou o Senhor

Réplica dos profetas de Aleijadinho
Casa Lumen Maris, Ubatuba (SP)

São esses alguns exemplos, tirados das Sagradas Escrituras, de como as pessoas podem chegar a adorar os demônios até no Templo de Deus.

A Jerusalém do Novo Testamento

A Santa Igreja é chamada metaforicamente de Nova Jerusalém. Haverá nela quem, em nossos dias, lance incenso aos ídolos ou ofereça sacrifícios a demônios sanguinários como Moloc? Deus nos livre e guarde de que isso em algum momento aconteça!

Existe, entretanto, uma forma mais sutil de praticar a idolatria e prestar culto ao inimigo do gênero humano, e esta, sim, encontra-se muito difundida entre nós...

Cada vez que cometemos um pecado mortal, além de nos vermos privados da graça e da amizade com Deus, nos tornamos escravos do demônio.⁴ Ele passa a imperar em nossas almas.

Como nos libertarmos desse pesado e infecto jugo do príncipe das trevas?

“Deu-lhes poder e autoridade sobre todos os demônios”

Com a Encarnação, Nosso Senhor Jesus Cristo quebrou o domínio dos infernos e conferiu aos Apóstolos potestade para, em seu nome, expulsar os anjos decaídos – superiores aos homens na ordem da natureza – e lançá-los no inferno: “Reunindo Jesus os doze Apóstolos, deu-lhes poder e autoridade sobre todos os demônios, e para curar enfermidades. Enviou-os a pregar o Reino de Deus e a curar os enfermos” (Lc 9, 1-2).

São Lucas ainda traz a lume o envio dos setenta e dois discípulos em missão (cf. Lc 10, 1-16) e ressalta sua alegria ao retomarem o convívio com o Divino Mestre e relatarem o que haviam feito: “Senhor, até os demônios se nos submetem em teu nome!” (Lc 10, 17). Com efeito, o domínio sobre os espíritos maus “não só tinha um espetacular efeito diante dos outros, mas era o que mais lhes conferia autoridade enquanto discípulos do Messias, por ser um sinal da proximidade do Reino. O império satânico estava por chegar a seu fim; Cristo o confirma”.⁵

Contudo, Nosso Senhor lhes revela ser mais importante o fato de seus nomes estarem escritos no Céu que os demônios se sujeitarem a eles (cf. Lc 10, 20).

Tal asserção do Redentor se baseia em que o poder sobre os demônios é carismático, transitório e traz uma alegria compreensível, mas ainda um tanto humana, enquanto ter os nomes escritos no Céu significa ser membro do Reino em sua fase definitiva, na Pátria Celeste.⁶

O Apocalipse usa um termo semelhante ao aludir à vocação especial de fazer parte da Nova Jerusalém descida dos Céus: “Nela não entrará nada de profano nem ninguém que pratique abominações e mentiras, mas unicamente *aqueles cujos nomes estão inscritos no livro da vida do Cordeiro*” (21, 27).

Há quem pense que Deus não castiga

Que lição tirar de todos esses episódios?

Eles nos lembram que, no Antigo Testamento, a destruição de Jerusalém ocorreu quando o povo eleito deixou a adoração sincera a Deus para idolatrar os demônios, provocando a ira do Todo-Poderoso. E mostram que Ele pode castigar o seu povo, a fim de purificá-lo, quando este passa, em sua maioria, a cultuar os espíritos infernais.

Há quem julgue que Deus não castiga, ainda que, de forma coletiva, as almas O tenham expulsado de seu interior pelo pecado. Assim pensam as pessoas que põem suas conveniê-

Há quem julgue que Deus não castiga, ainda que, de forma coletiva, as almas O tenham expulsado de si pelo pecado

cias particulares acima dos interesses do Criador e esquecem o quanto o Altíssimo é ofendido pelas faltas dos homens.

Ora, afirma São Tomás de Aquino, “de Deus só se pode esperar o que é bom e lícito. Mas deve-se esperar de Deus a vingança sobre os inimigos, pois diz o Evangelho de Lucas: ‘E Deus não vingaria seus eleitos que por Ele clamam noite e dia?’ como se dissesse: ‘Ele o fará com toda certeza’”.⁷

O Doutor Angélico não se refere aqui à vingança fruto de uma irritação passageira, impossível de ser infligida por Deus, mas de um castigo proporcional ao delito, visando a correção e o bem. Como ensina Santo Afonso Maria de Ligório, o moralista por excelência, “não merece a misericórdia de Deus aquele que se serve dela para ofendê-Lo. A misericórdia é para quem teme a Deus e não para o que dela se serve com o propósito de não temê-Lo. Aquele que ofende a justiça – diz o Abulense – pode recorrer à misericórdia; mas a quem pode recorrer o que ofende a própria misericórdia?”⁸

São Roberto Belarmino, Doutor da Igreja como os dois Santos anteriormente citados, acrescenta que “não só todos os pecados serão punidos, mas serão ainda punidos com horrendos e pavorosos suplícios, os quais serão tão grandes que dificil-

mente podem agora ser imaginados pelos homens”.⁹

Confiança durante o tempo de prova

Causa perplexidade considerar que, nesta terra, o castigo pelos pecados dos homens recaia sobre bons e maus. Não nos esqueçamos, entretanto, da exortação feita pelo Senhor através do profeta Baruc àqueles que permaneciam fiéis: “Suportai, filhos meus, com paciência o golpe da cólera divina. Fostes perseguidos por vossos inimigos; em breve, porém, assistireis à sua ruína, e sobre suas cervizes poreis os pés” (Br 4, 25).

Se a humanidade sacrificar aos ídolos, virá o castigo. Mas o Altíssimo não abandonará o seu povo

Se a humanidade sacrificar aos ídolos, abraçando as vias do pecado e afastando-se do Criador, virá o castigo. Mas o Altíssimo não abandonará o seu povo: aos verdadeiros filhos seus Ele concederá poder sobre os demônios para lançá-los no inferno, e este será o sinal distintivo de que chegou o Reino de Deus!

“O Senhor, que eliminou vosso pecado e perdoou vossas faltas, tem poder para vos proteger e vos guar-

dar contra os ardis do diabo que vos combate, a fim de que o inimigo, que costuma engendrar a falta, não vos surpreenda. Quem se confia a Deus não teme o demônio. ‘Se Deus é por nós, quem será contra nós?’ (Rm 8, 31)”.¹⁰

Que nossos nomes estejam escritos no Céu!

Na atual fase da História da Igreja, nós, católicos fiéis, estamos chamados a não dobrar nossos joelhos, nem sequer um só, diante dos demônios. Devemos, ao contrário, dobrar os nossos joelhos, unir nossas mãos e, sobretudo, curvar nosso coração diante da Santíssima Virgem e rezar a Ela:

“Minha Rainha, eu não quero adorar os demônios, eu não quero ser escravo de satanás. Quero ser escravo de amor do próprio Deus por meio de Vós, como ensinou São Luís Maria Grignon de Montfort. Por isso, minha Mãe, eu Vos peço: acelerai a derrota de satanás e seus sequazes, e enviai vossos Anjos para auxiliar cada um de vossos filhos e filhas. Sobre tudo, intercedei para que nossos nomes sejam inscritos no Céu, ou seja, no vosso Imaculado Coração. Peço-Vos, ó Mãe Santíssima, escrevei hoje com letras de ouro nossos nomes em vosso Coração, a fim de que o quanto antes possamos derrotar o poder das trevas e fazer brilhar vossa luz no mundo inteiro. Assim seja”. ✧

⁷ O autor é Doutor em Teologia pela Universidade Pontifícia Bolivariana de Medellín, Colômbia. O presente artigo reproduz, com as necessárias adaptações à linguagem escrita, a homilia por ele proferida no dia 5 de outubro de 2019 na Catedral Metropolitana de São Paulo.

⁸ SÃO CIRILO DE ALEXANDRIA. Comentário al Evan-

gelio de Lucas, 64. In: ODEN, Thomas C.; JUST, Arthur A. (Ed.). *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia. Evangelio según Lucas*. Ciudad Nueva: Madrid, 2006, v.III, p.250.

⁹ Cf. GARCÍA CORDERO, OP, Maximiliano. *Biblia Comentada. Libros Proféticos*. Madrid: BAC, 1961, v.III, p.753.

⁴ Cf. CATECISMO MAIOR DE SÃO PIO X, n.950.

⁵ TUYA, OP, Manuel de. *Biblia Comentada. Evangelios*. Madrid: BAC, 1964, v.II, p.836.

⁶ Cf. Idem, *ibidem*.

⁷ SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.108, a.1.

⁸ SANTO AFONSO MARIA DE LIGÓRIO. *Preparação*

para a morte. Considerações sobre as verdades eternas. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1956, p.128.

⁹ SÃO ROBERTO BELARMINO. *De ascensione mentis in Deum per scalas rerum creaturarum*. Gradus decimus quintus, c.IV.

¹⁰ SANTO AMBRÓSIO DE MILÃO. *Des Sacraments*. L.V, n.30: SC 25, 97.

Viveu na terra como se estivesse no Céu

Sendo conselheira de Papas, mística e profetisa, ela marcou os rumos da História. Sua vida, pervadida por um inefável convívio com o sobrenatural, consumou-se num altíssimo vínculo de amor a Deus através do oferecimento como vítima pela purificação da Igreja.



Isabelle Guedes Farias¹

Deus, em sua infinita sabedoria, destina para cada fiel uma via específica de santificação e lhe concede graças especiais para o cumprimento do seu chamado.

Alguns são por Ele escolhidos para missões de singular importância. Trata-se de almas providenciais, destinadas a desvendar a vontade divina para uma determinada época e assim desempenhar um valioso papel na História. Entre elas cabe destacar Santa Catarina de Sena.

Infância marcada por intensa piedade

Ela nasceu em 1347, no dia da Anunciação, que naquele ano coincidia com o Domingo de Ramos.

Desde a primeira infância, via-se pairar sobre aquela menina um alto desígnio da Providência. Ilustra-o um episódio ocorrido quando tinha apenas seis anos: voltando de um passeio com seu irmão Estêvão, Catarina viu Nosso Senhor Jesus Cristo revestido com as vestes pontificais e sentado num trono, ao alto da igreja dos dominicanos, tendo junto a Si São Pedro, São Paulo e São João Evangelista. Ao abençoá-la com especial amor,

o Divino Mestre deixou-a maravilhada e marcou o início de um íntimo convívio com o sobrenatural, que iria acompanhá-la por toda a vida.

Com efeito, a atuação do Espírito Santo na alma de Catarina dava-se frequentemente através de fenômenos místicos que muitas vezes transpareciam no exterior. Por exemplo, ainda em criança, acontecia de ser transportada pelos ares ao subir e descer as escadas. Durante o deslocamento, seus pés só tocavam nos degraus quando ela queria pôr-se de joelhos para fazer atos de reverência e amor à Santíssima Mãe de Deus.

A infância dessa alma providencial foi marcada por uma piedade intensa, que a fazia desejar ardentemente entregar-se a Deus. Aos sete anos fez voto de virgindade diante de um altar da Santíssima Virgem e, tempos mais tarde, desposou-se misticamente com Nosso Senhor Jesus Cristo, na presença de Nossa Senhora, São Paulo, São João Evangelista, São Domingos e o Rei Davi.

Aos doze anos, como era costume na época, sua família decidiu prepará-la para o casamento. Muito se empenhou sua mãe nesta tarefa, mas Catarina recusava-se sempre a aceitar seus

pedidos e conselhos. Sua irmã Boaventura, porém, usando de insistência fê-la consentir em algumas leviandades. Catarina logo se arrependeu disso como se tivesse cometido uma falta grave, pois entendia que, atendendo os rogos da irmã, havia demonstrado ter mais amor a ela do que a Deus. E para selar uma ruptura definitiva com tudo o que fosse deste mundo, cortou os cabelos, em sinal de que a partir de então serviria apenas ao Senhor.

Uma cela interior construída na alma

Como resposta à drástica atitude tomada pela jovem e visando fazê-la mudar de ideia, sua família a pôs para realizar os serviços da casa e não mais lhe permitiu se recolher em seu quarto para entregar-se à oração.

Ela aceitou a nova situação sem opor resistência, dedicando-se aos trabalhos domésticos com espírito abnegado e religioso desapego. Privada de um lugar físico para realizar suas práticas de piedade, edificou no fundo da alma, por inspiração divina, uma cela interior onde constantemente rezava e se unia à Santíssima Trindade.

Refugiada no seu tabernáculo interior, Catarina permanecia absorta



Desde a primeira infância, via-se pairar sobre aquela menina um alto desígnio da Providência

Cenas da vida de Santa Catarina: à esquerda, ainda criança sendo transportada pelos ares; à direita, corte de cabelo simbolizando a ruptura com o mundo – “Oratorio della Camera” no Santuário-Casa de Santa Catarina, Siena (Itália)

nos mistérios divinos e seus olhos só buscavam a Deus. Em meio aos afazeres terrenos, conseguia manter o espírito preso nas alturas da contemplação e o amor às realidades sobrenaturais não fazia senão crescer.

Vitória sobre as resistências paternas

Após uma visão em que São Domingos de Gusmão lhe prometia o hábito de sua obra, a jovem armou-se de coragem e comunicou à família que estava chamada a pertencer à Ordem Terceira Dominicana. Diante de suas inspiradas palavras e movido pela ação da graça, seu pai se convenceu de estar ela guiada pelo Espírito Santo e não mais levantou obstáculos à vontade divina. Além do mais, deu ordem à família para deixá-la cumprir em paz sua vocação.

Vencidas as resistências paternas, Catarina dispôs-se a seguir o chamado divino. Após inúmeras recusas, por meio de uma insistência confiante e orações fervorosas, foi afinal recebida na Ordem dos Pregadores e revestida do hábito terciário dominicano.

Desejando servir radicalmente a Deus no seu novo modo de vida, propôs para si um regime de completo silêncio. Por três anos o manteve ininterruptamente, não falando nada mais do que seus pecados ao confes-

sor. Durante esse tempo, sua alma permanecia absorta no convívio celestial, dialogando com a Trindade Santíssima e entrevedo misticamente os mistérios divinos.

Fenômenos místicos e intensos sofrimentos

Uma nova realidade havia se iniciado para Catarina: de um lado, Nosso Senhor a tornava confidente de sua sabedoria e amor; por outro, pedia-lhe participar nos sofrimentos de sua Paixão. Assim, inspirada por Ele, impôs-se inúmeras penitências: flagelava-se, utilizava o cilício e, a certa altura da vida, chegou a se alimentar somente da Eucaristia, à qual tinha grande devoção.

Sofreu também com inúmeras doenças. Mas, por um verdadeiro milagre, ainda que seu corpo estivesse extremamente enfermo e debilitado, nunca chegou a perder a vitalidade necessária para enfrentar com alegria qualquer dificuldade enviada pela Providência.

A vida de Catarina transcorria, assim, envolta em constantes fenômenos místicos, acompanhados de intensos sofrimentos. Sabe-se, por exemplo, que foi favorecida com os estigmas e que trocou sua vontade com a de Nosso Senhor Jesus Cristo. Esta insigne graça, aliás, deixou-lhe

marcas físicas: depois que o Redentor lhe retirou o coração para colocar o d’Ele no lugar, ficou-lhe uma cicatriz gravada no peito.

Toda essa ação direta de Deus sobre a piedosa Catarina a aperfeiçoava e elevava-lhe o espírito. Sempre receptiva às luzes sobrenaturais com que Ele a beneficiava, instaurou-se nela, já nesta terra, um convívio com o sobrenatural penetrado de intimidade celeste.

No cadinho da provação

Em seus insondáveis desígnios, a Providência permitiu que Catarina sofresse também fortíssimas tentações. O combate contra elas tirava-lhe muito sangue de alma, como também do corpo, pois flagelava-se até derramá-lo a fim de afugentar os demônios. Enquanto eles a atormentavam, rezava e punha-se confiante nas mãos de Deus; jamais dialogava com o inimigo.

A certa altura de sua vida, mais uma angústia veio juntar-se às suas não pequenas tribulações: Nosso Senhor, que costumava visitá-la com tanta frequência, parecia tê-la abandonado.

Muito tempo passou nesses atrozes sofrimentos, até que um dia o Espírito Santo a iluminou e fê-la entender qual era a causa daquelas tenta-

ções. Renovou, então, o propósito de suportá-las com ânimo. Pouco tempo depois, durante uma visão de Nosso Senhor, o inimigo que tanto a incomodava retirou-se definitivamente.

Fecunda atuação apostólica e caritativa

Vencida a batalha, Nosso Senhor voltou a aparecer-lhe com assiduidade, chegando até mesmo a acompanhá-la nas orações.

Esses convívios místicos eram tão intensos e fecundos, que neles aprendeu a ler e escrever. Boa parte dos ensinamentos recebidos durante suas inefáveis conversas de amor com o Altíssimo estão transcritos no livro *O Diálogo*, cujas partes principais foram ditadas pela própria Santa durante os êxtases.

Deus queria enriquecer a alma de Catarina com múltiplas facetas, para que pudesse desempenhar seu apostolado junto a Papas, Cardeais, monges, reis ou simples comerciantes.

A fé viva e a profunda sabedoria da Santa, bem como seu modo caridoso e apostólico de se relacionar com o próximo, foram de incalculável valor para a defesa da Igreja na difícil conjuntura pela qual passava na época. Conservam-se 381 cartas escritas por ela, nas quais se percebe o quanto Deus a usava como instrumento para beneficiar as mais variadas pessoas com seus conselhos.

Catarina realizou também inúmeras obras de caridade. Prestou serviços em hospitais e, durante a peste de 1374, dedicou-se ao auxílio dos contaminados, operando inúmeras curas. Secundada pelo dom do milagre, favoreceu sobretudo os enfermos de alma, convertendo com inspiradas palavras a muitos pecadores.

Uma coroa de rosas e outra de espinhos

A força da personalidade de Catarina, sublimada pela ação da graça,



Catarina, sem hesitar, escolheu a de espinhos, tomando-a como sinal da via de sofrimento

Nosso Senhor oferecendo as duas coroas - "Oratorio della Camera" no Santuário-Casa de Santa Catarina, Siena (Itália)

tornava-a cada vez mais cheia de zelo pelas coisas do Alto, sendo extraordinários os efeitos que o Divino Amor produzia nela. Por exemplo, foi também exorcista: com apenas um sinal da Cruz chegou a libertar uma alma vexada por ataques diabólicos. Seus santos gestos apavoravam os infernos e contribuía para a salvação dos fiéis.

Numa visão, Nosso Senhor lhe ofereceu duas coroas: uma de rosas e outra de espinhos. Catarina, sem hesitar, escolheu a de espinhos, tomando-a como sinal da via de sofrimento do Calvário que Ele lhe trazava.

Essa vida de união com Deus atraiu muitos discípulos, que a acompanhavam nas viagens de apostolado e assistiam aos seus êxtases. Algumas pessoas mal-intencionadas, porém, reprovavam sua piedade e criticavam suas visões, considerando-as meros sonhos. Catarina, no entanto,

tranquila em sua consciência, seguia fazendo o bem conforme as inspirações do Céu.

Luta em defesa da Igreja e do Papado

Todo esse apostolado, porém, parece ter sido apenas um prelúdio para a grande missão que lhe estava reservada na crise que assolava a Santa Igreja e causava grandes tribulações tanto na sociedade espiritual quanto na temporal.

Quatro décadas antes do nascimento de Catarina, tramas políticas haviam obrigado a transferir para fora de Roma a Cátedra de Pedro e, por quase setenta anos, diversos Pontífices governaram a Igreja desde a cidade francesa de Avignon. O último deles, Gregório XI, restabeleceu o Papado em Roma justamente por influência da Santa.

Para conquistar o retorno do Sumo Pontífice à Cidade Eterna, Catarina escreveu cartas a políticos e eclesiásticos, fazendo-lhes duras críticas pela situação em que se encontrava a Esposa de Cristo. Em certo momento, viajou pessoalmente a Avignon para comunicar a Gregório XI a vontade do Altíssimo, que consistia, em síntese, num plano de reforma da Igreja destinado a restabelecer a paz no seu seio. Para que isso fosse possível, era indispensável que o Papa voltasse a Roma.

Ao mesmo tempo, ela atuou infatigavelmente junto à sociedade temporal, buscando pacificar os conflitos que dividiam as cidades, embora isso lhe custasse sofrer injúrias e perseguições.

O retorno de Gregório XI à Cidade Eterna só se daria em 1377, após inúmeras lutas. No ano seguinte ele viria a falecer, dando origem a um novo período de turbulências para a História da Santa Igreja.

Para substituí-lo, um conturbado conclave elevou Urbano VI ao sólio pontifício, mas pouco tempo depois

um grupo de Cardeais decretou inválida aquela eleição e escolheu como Sumo Pontífice a Roberto de Genebra que, sob o nome de Clemente VII, estabeleceu seu trono em Avignon.

Estava consumado o Grande Cisma do Ocidente. Ambições e interesses políticos dividiam a Igreja e procuravam manchá-la. Parte dos fiéis obedeciam a Roma; outros, a Avignon. Os católicos se sentiam inseguros em sua fé.

Catarina, porém, defendia com segurança a legitimidade do Papa Urbano VI e, enquanto procurava suavizar-lhe o temperamento intempestivo e colérico, alertava-o acerca da gravidade da situação que abalava a Igreja.

Previsão dos acontecimentos futuros

Não conseguindo impedir tamanho desastre e vendo a terrível situação da Esposa Mística de Cristo, Catarina ofereceu-se ao Senhor como vítima. Sua vida, marcada pelas boas obras e penitências, era assim entregue em holocausto. O abatimento e a fraqueza lhe dominaram aos poucos o corpo, embora o espírito se mostrasse sempre mais fortalecido.

Ela rezava continuamente pela Igreja, recomendando-a aos cuidados de Nossa Senhora, pois antevia que as adversidades pelas quais passava naquele momento não eram nada comparadas aos trágicos acontecimentos que haveria de atravessar no futuro.

Contudo, viu também profeticamente que, depois de enfrentar tantos males, a Santa Igreja seria glorificada e seus ministros renovados. Assim o relatou a seu confessor: “Findas todas estas tribulações e angústias, Deus purificará a Santa Igreja de um modo que os homens não podem compreender e despertará o espírito dos eleitos. Seguir-se-á logo um tão grande aperfeiçoamento na Igreja de Deus e uma



Tranquila em sua consciência, Catarina seguia fazendo o bem conforme as inspirações do Céu

Santa Catarina expulsando o demônio de uma possesa
Pinacoteca Vaticana

tal renovação dos santos pastores, que só de pensar nisso meu espírito exulta no Senhor”².

Uma mudança radical haveria de se dar nestes tempos vindouros: “Como já vos disse várias vezes, a Esposa hoje deformada e coberta de andrajos passará a ser belíssima. Estará ornada de preciosas gemas e coroada com o diadema de todas as virtudes. Todos os povos fiéis se rejubilarão por saber-se honrados com tais pastores, e os infiéis, atraídos pelo bom odor de Jesus Cristo, voltarão ao redil católico e se converterão ao verdadeiro Pastor e Bispo de suas almas. Rendei graças ao Senhor, porque depois desta tempestade outorgará à sua Igreja uma grande e bela calma”³.

A ela tudo deu, em plena união de amor

Catarina, através de seu apostolado, das suas célebres admoestações

dirigidas às autoridades eclesiásticas e civis e, sobretudo, pela oferta de seus inúmeros sofrimentos, trabalhou para reconduzir as ovelhas de Cristo a um só rebanho sob a égide de um só pastor.

Esta foi a luta sem trégua que travou durante toda a vida e que se tornou mais renhida com o passar do tempo. Catarina ansiava pelo dia em que a Esposa Mística de Cristo fosse “coroada com o diadema de todas as virtudes” e no qual o Reino de Deus se estenderia pela terra inteira.

No dia 29 de abril de 1380, aos trinta e três anos, Catarina deixou esta vida: Nosso Senhor a chamava para conceder-lhe, por fim, a plenitude da união de amor da qual antegozara na terra.

Seu corpo foi sepultado na Basílica de Santa Maria sopra Minerva, em Roma, sob cujo altar-mor repousam hoje seus restos mortais. Pio II a canonizou em 1461 e Paulo VI concedeu-lhe o título de Doutora da Igreja. Foi declarada também padroeira da Itália e da Europa.

O Espírito Santo atuou de forma tão extraordinária, fecunda e direta sobre a alma de Santa Catarina de Sena que impossível seria mencionar neste artigo todos os aspectos dessa ação divina. Mas, mesmo tendo nos restringindo a tratar apenas de alguns deles, é o suficiente para sublinhar o traço mais marcante de sua gloriosa vocação: o especialíssimo laço de amor que a unia com o Altíssimo e que a fez viver nesta terra como se já estivesse no Céu! ✧

¹ A autora é membro dos Arautos do Evangelho, bacharela em Direito pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo e está inscrita na Ordem dos Advogados do Brasil na Seção São Paulo.

² BEATO RAIMUNDO DE CÁPUA. *Santa Catalina de Siena*. Barcelona: La Hormiga de Oro, 1993, p.281.

³ Idem, ibidem.

A cena do Horto se repete...

Se perseguir a Igreja é perseguir Jesus Cristo, e se hoje também a Igreja é perseguida, então Cristo é perseguido. A Paixão de Nosso Senhor se repete de algum modo em nossos dias.

Plínio Corrêa de Oliveira



Reprodução

A verdadeira piedade deve impregnar toda a alma humana e, em consequência, deve também despertar e estimular emoções. Mas ela não é só emoção, nem mesmo principalmente emoção. A piedade brota da inteligência formada por um estudo catequético cuidadoso. Comporta um conhecimento exato de nossa Fé e, portanto, das verdades que regem a vida interior.

A piedade genuína reside ainda na vontade, pois exige querer alcançar seriamente o bem que a inteligência nos fez conhecer. Não basta, por exemplo, saber que Deus é perfeito; precisamos amar essa perfeição e desejá-la para nós em toda a medida do possível. Nisso consiste o anseio para a santidade.

Note-se que “desejar” não significa sentir veleidades vagas e estéreis. Só queremos seriamente um determinado bem quando estamos dispostos a todos os sacrifícios para consegui-lo.

O que dar a Nosso Senhor nos dias da Paixão?

Assim, a prova de que desejamos seriamente amar a Deus e procurar

nossa santificação é estarmos dispostos a todos os sacrifícios para alcançar esta meta suprema. Sem isso, todo “querer” não é senão ilusão e mentira. Podemos sentir grande ternura na contemplação das verdades e mistérios da Religião, mas, se daí não tirarmos resoluções sérias e eficazes, de nada valerá nossa piedade.

É o que se deve dizer especialmente nos dias da Paixão de Nosso Senhor. Não nos adianta apenas acompanhar com ternura os vários episódios da Paixão. Seria algo excelente; não, porém, suficiente. Devemos dar a Nosso Senhor, nestes dias, provas sinceras de nossa devoção e amor.

Essas provas, nós as damos pelo propósito de emendar nossa vida e de lutar com todas as forças pela Santa Igreja Católica, Corpo Místico de Cristo. Quando Nosso Senhor interpelou São Paulo no caminho de Damasco, perguntou-lhe: “Saulo, Saulo, por que Me persegues?” (At 9, 4). O futuro Apóstolo perseguia a Igreja, e Nosso Senhor lhe disse que era a Ele mesmo que perseguia.

Se perseguir a Igreja é perseguir Jesus Cristo, e se hoje também a Igreja é perseguida, então Cristo é perse-

guido. A Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo se repete de algum modo em nossos dias.

Meditemos no que Cristo sofreu

Como se persegue a Igreja? Atendendo contra os seus direitos ou trabalhando para dela afastar as almas. Todo ato pelo qual se afasta da Igreja uma alma é um ato de perseguição a Cristo.

Toda alma é um membro vivo da Igreja. Portanto, arrancar uma alma à Igreja é arrancar um membro ao Corpo Místico de Cristo, é fazer a Nosso Senhor, em certo sentido, o mesmo que fariam a nós se nos arrancassem a menina dos olhos.

Se queremos, pois, condoer-nos com a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, meditemos sobre o que Ele sofreu nas mãos de seus algozes, mas não nos esqueçamos de tudo quanto ainda hoje se faz para ferir o Divino Coração.

Sobretudo porque Nosso Senhor, durante sua Paixão, previu tudo quanto se passaria depois. Previu todos os pecados de todos os tempos, e também os de nossos dias. Previu os nossos pecados e por eles sofreu an-

tecipadamente. Estivemos presentes no Horto como algozes, e como algozes seguimos passo a passo a Paixão até o alto do Gólgota.

Arrependamo-nos, pois, e choremos.

A Igreja, sofredora, perseguida, vilipendiada, aí está ante nossos olhos indiferentes ou cruéis. Ela está diante de nós como Cristo diante de Verônica. Condoamo-nos com os padecimentos dela. Com nosso carinho, consolemos a Santa Igreja por tudo quanto ela sofre. Podemos estar certos de que, assim, estaremos dando ao próprio Cristo uma consolação idêntica à que Lhe deu Verônica.

O pecado da indiferença para com Deus

Começemos pela fé. Certas verdades referentes a Deus e a nosso destino eterno, podemos conhecê-las pela simples razão; outras, apenas porque Ele no-las ensinou.

Em sua infinita bondade, Deus Se revelou aos homens no Antigo e no Novo Testamento, ensinando-nos o que nossa razão não poderia desvendar e ainda muitas verdades que poderíamos conhecer racionalmente, mas que a humanidade, por culpa própria, já não conhecia de fato.

A virtude pela qual cremos na Revelação é a fé. Ninguém pode praticar um ato de fé sem o auxílio sobrenatural da graça de Deus. Essa graça, Deus a dá a todas as criaturas e, em abundância torrencial, aos membros da Igreja Católica como condição de sua salvação.

Ninguém chegará à eterna bem-aventurança se rejeitar a fé. É pela fé que o Espírito Santo habita em nossos corações. Rejeitá-la significa rejeitar o Espírito Santo e expulsar Jesus Cristo da alma.

Pensemos, agora, em quantos católicos rejeitam hoje a fé. Foram batizados, mas deixaram de acreditar por culpa própria, porque ninguém perde a fé sem culpa, e culpa mortal.

Ei-los que, indiferentes ou hostis, pensam, sentem e vivem como pagãos e, por isso, sua desgraça é imensa. De modo indelével está neles o sinal do Batismo. Estão marcados para o Céu, e caminham para o inferno.

Em sua alma redimida, a aspensão do Sangue de Cristo está marcada, ninguém a apagará. É de certo modo o próprio Sangue de Cristo que eles profanam quando nesta alma resgatada acolhem princípios, máximas, normas contrárias à doutrina da Igreja.



“Ecce Homo” – Museu de Arte Sacra, Osuna (Espanha); na página anterior, Dr. Plínio adorando a Santa Cruz na década de 1990

*Se queremos
condoer-nos com a
Paixão de Nosso
Senhor, meditemos
sobre o que Ele
sofreu nas mãos
de seus algozes*

O católico apóstata tem qualquer coisa de análogo ao sacerdote apóstata. Arrasta consigo os restos de sua grandeza, profana-os, degrada-os e se degrada com eles. Mas não os perde.

E nós? Importamo-nos com isso? Sofremos com isso? Rezamos para que essas almas se convertam? Fazemos penitências? Fazemos apostolado? Onde está nosso conselho, nossa argumentação, nossa caridade? Onde está nossa ativa e enérgica defesa das verdades que eles negam ou injuriam?

O Sagrado Coração sangra com isso. Sangra pela apostasia deles, e por nossa indiferença. Indiferença duplamente censurável, porque é indiferença para com nosso próximo e, sobretudo, indiferença para com Deus.

Coincidência ou conspiração?

Quantas almas, no mundo inteiro, vão perdendo a fé? Pensemos no incalculável número de jornais ímpios, livros ímpios, filmes ímpios, programas de rádio ímpios, de que diariamente se enche o orbe. Pensemos nos inúmeros obreiros de satanás que, nas cátedras, no recesso da família, nos lugares de reunião ou diversão, propagam ideias ímpias.

De todo esse esforço, quem há de admitir que nada resulte? Os efeitos de tudo isso estão diante de nós. Diariamente as instituições, os costumes, a arte se vão descristianizando, indício insofismável de que o próprio mundo se vai perdendo para Deus.

Não haverá em tudo isso uma grande conjuração? Tantos esforços, harmônicos entre si, uniformes em seus métodos, em seus objetivos, em seu desenvolvimento, serão mera obra de coincidências? Onde e quando intuitos desarticulados produziram articuladamente a mais formidável ofensiva ideológica que a História conhece, a mais completa, a mais ordenada, a mais extensa, a mais engenhosa, a mais uniforme em sua essência, em seus fins, em seu evoluir?

Não pensamos nem percebemos isso; pelo contrário, dormimos na modorra de nossa vida de todos os dias. Por que não somos mais vigilantes? A Igreja sofre todos os tormentos só. Longe, bem longe dela, cochilamos. É a cena do Horto que se repete.

A bem dizer, a Igreja nunca teve tantos inimigos e, paradoxalmente, nunca teve tantos “amigos”.

Incontável falange de almas túbias

Essa fé que tantos combatem, perseguem, atraíam, graças a Deus nós a possuímos. Entretanto, que uso fazemos dela? Amamo-la? Compreendemos que nossa maior ventura na vida consiste em sermos membros da Santa Igreja, que nossa maior glória é o título de cristão?

Em caso afirmativo – e quão raros são os que poderiam em sã consciência responder afirmativamente –, estamos dispostos a todos os sacrifícios para conservar a fé?

Não digamos num assomo de romantismo que sim. Vejamos friamente os fatos.

Não está junto de nós o algoz que nos vai colocar na alternativa da cruz ou da apostasia. Mas, todos os dias, a conservação da fé exige de nós sacrifícios. Fazemo-los? Será bem exato que, para conservar a fé, evitamos tudo que a pode pôr em perigo? Evitamos as leituras que a podem ofender? Evitamos as companhias nas quais ela está exposta a risco? Procuramos os ambientes nos quais a fé floresce e cria raízes? Ou, em troca de prazeres mundanos e passageiros, vivemos em ambientes em que a fé se estiola e ameaça cair em ruínas?

Todo homem, pelo próprio instinto de sociabilidade, tende a acei-



Mons. João Scognamiglio Clá Dias, no solene Ofício da Paixão – Basílica de Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP), 3/4/2015

*Quando o Divino
Mestre gemeu,
chorou, suou sangue
durante a Paixão,
atormentava-O tudo
quanto contra se
faria contra a Igreja*

tar as opiniões dos outros e, em geral, em nossos dias as opiniões dominantes são anticristãs. Pensa-se contrariamente à Igreja em matéria de Filosofia, de Sociologia, de História, de ciências positivas, de arte, de tudo

enfim. Os nossos amigos seguem a corrente.

Temos nós a coragem de divergir? Resguardamos nosso espírito de qualquer infiltração de ideias erradas? Pensamos com a Igreja em tudo e por tudo? Ou contentamo-nos negligentemente em ir vivendo, aceitando tudo quanto o espírito do século nos inculca, e simplesmente porque ele no-lo inculca?

É possível que não tenhamos enxotado Nosso Senhor de nossa alma. Mas como tratamos este Divino Hóspede? É Ele o objeto de todas as atenções, o centro de nossa vida intelectual, moral e afetiva? É Ele o Rei? Ou somente há para Ele um pequeno espaço, onde O toleramos como hóspede secundário, desinteressante, algum tanto importuno?

Quando o Divino Mestre gemeu, chorou, seu sangue durou durante a Paixão, não O atormentavam apenas as dores físicas, nem sequer os sofrimentos ocasionados pelo

ódio dos que no momento O perseguiram. Atormentava-O ainda tudo quanto contra Ele e a Igreja se faria nos séculos vindouros.

Ele chorou pelo ódio de todos os maus, de todos os Ários, Nestórios, Luteros, mas chorou também porque via diante de Si o cortejo interminável das almas túbias, das almas indiferentes que, sem O perseguir, não O amavam como deviam.

É a falange incontável dos que passaram a vida sem ódio e sem amor, os quais, segundo Dante, ficavam de fora do inferno porque nem no inferno havia para eles lugar adequado. ✧

Extraído, com adaptações, de: *Legionário*. São Paulo. Ano XIX. N.764 (30 mar., 1947); p.1; 7

Santa Bernadette e “a loucura da Cruz”

Muito se sabe sobre a piedosa jovem à qual Nossa Senhora apareceu em Lourdes. Pouco, porém, se conhece de sua vida de sofrimento como religiosa em Nevers e dos motivos que a levaram a se oferecer como vítima expiatória.



Paulo Teixeira Campos

Na antevéspera de sua morte, Santa Bernadette Soubirous confidenciou a uma de suas irmãs de vocação: “Estou moída como um grão de trigo. Jamais pensei que fosse necessário sofrer tanto para morrer”.¹ E quando, pouco antes de sua partida para o Céu, alguém disse que ia pedir a Nossa Senhora para lhe enviar alguma consolação, a Santa replicou pronta-

mente: “Não, nada de consolações, mas sim força e paciência”.²

Nessas duas frases, revela-se um importante aspecto da vida de Bernadette: seu oferecimento ao Senhor como vítima de expiação. Trata-se de uma altíssima via, pela qual caminhavam somente aqueles que, atendendo às santas exigências da amizade divina, procuram inflamar-se sempre mais no fogo da caridade e glorificar a Deus no meio das tribulações.

É o que São Paulo chama “loucura da Cruz” (cf. I Cor 1, 18), a qual se verifica nos Santos quando o amor ao sofrimento “alcança certo grau de magnanimidade que os impulsiona a desejar toda classe de padecimentos interiores e exteriores, com o fim de identificar-se mais com o Divino Crucificado e ajudá-Lo mais eficazmente em sua obra redentora”.³

Grande admirador da vidente de Lourdes, Plínio Corrêa de Oliveira



comentou a seu respeito: “Santa Bernadette se ofereceu como vítima expiatória e foi, de fato, uma vítima de holocausto agradável a Deus. [...] Quando subiu ao Céu, levou atrás de si milhares, milhões de almas que se salvaram por causa do sacrifício dela”.⁴

Veremos, adiante, como os fatos confirmam essa afirmação.

“Meu ofício é estar doente”

Na primeira vez que lhe dirigiu a palavra, Nossa Senhora fez a Bernadette uma promessa austera e sublime: “Não prometo vos fazer feliz neste mundo, mas no outro”.⁵ Ou seja, logo de início cuidou Ela de preparar a jovem vidente para os sofrimentos que haveriam de triturá-la “como um grão de trigo”.

Bernadette tinha consciência de sua missão de vítima. Interrogada certo dia sobre o motivo pelo qual Nossa Senhora não a curava, respondeu com toda naturalidade: “Talvez Ela queira que eu sofra...”.⁶

Muito sugestivo, nesse sentido, é um episódio ocorrido quando ela jazia inválida no leito de dores. Sua superiora entrou na enfermaria e, à guisa de saudação, perguntou com um amável sorriso:⁷

— Que fazes aqui, minha preguiçosa?

— Minha madre, faço meu ofício.

— E que ofício é o teu, minha filha?

— Meu ofício é estar doente.

Tais palavras equivaliam a dizer: “Meu ofício é sofrer como vítima expiatória”. O Pe. Febvre, capelão do convento e confessor de Bernadette, também nos deixou este valioso depoimento: “Sua ambição, que ela fazia



Santa Bernadette fotografada em 1861 pelo Pe. Paul Bernadou

Logo na primeira aparição, Nossa Senhora lhe disse: “Não prometo vos fazer feliz neste mundo, mas no outro”

de tudo para ocultar, era de ser vítima pelo Sagrado Coração de Jesus”.⁸

Uma cascata de flagelos

A Divina Providência aceitou com sofreguidão, por assim dizer, o oferecimento da Santa de Lourdes, e impressiona a cascata de flagelos que sobre ela se abateu.

Desde o início das aparições foi submetida a um massacrante assédio não só de pessoas piedosas e movidas por verdadeira devoção, mas também de gente de má-fé, à busca de algum pretexto para atacar a Religião.

Suportou ainda inúmeras provações durante os anos de vida religiosa na casa-mãe das Irmãs da Caridade e da Instrução Cristã, em Nevers, onde foi admitida como noviça em 1866, aos vinte e dois anos de idade.

Por fim, sofreu os padecimentos decorrentes de várias enfermidades: asfixiantes crises de asma, tumor de origem tuberculosa no joelho direito, dilaceração do peito acompanhada de vômitos de sangue, aneurisma, cólica gástrica e, nos últimos dois anos nesta terra, cárie dos ossos. “Seu pobre corpo tornou-se o receptáculo de todas as dores”,⁹ escreveu o Pe. Febvre. Testemunho idêntico ao de uma das enfermeiras: “Seu pobre corpo não é senão uma chaga”.¹⁰

A partir de 11 de dezembro de 1878, devido ao agravamento do tumor no joelho, a enferma não pôde mais levantar-se do leito. Qualquer movimento constituía para ela uma tortura. Como não conseguia dormir, as longas noites de insônia eram um flagelo a mais.

“Minha paixão durará até à morte”

Tudo isso, entretanto, era quase nada em comparação com os sofrimentos da alma, como atesta um de seus biógrafos: “Nos derradeiros anos de sua vida, ela foi assaltada por terrores morais mil vezes mais terríveis que as dores físicas”.¹¹

A própria Santa confidenciou a uma enfermeira que procurava

¹ LAURENTIN, René. *Vie de Bernadette*. Paris-Lourdes: Desclée de Brouwer; (Euvre de la Grotte, 1978, p.245.

² Idem, p.249.

³ TANQUEREY, Adolphe. *La divinización del sufrimiento*. Madrid: Rialp, 1955, p.218.

⁴ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 15 abr. 1967.

⁵ RAVIER, SJ, André. *Les écrits de Sainte Bernadette et sa voie spirituelle*. 2.ed. Paris: P. Lethielleux, 1980, p.66.

⁶ LAURENTIN, René. *Bernadette vous parle*. Paris: P. Lethielleux, 1987, p.203.

⁷ Cf. BORDENAVE, Marie-Thérèse. *Bernadette: la confidente de l’Immaculée*.

dar-lhe um pouco de alívio numa das frequentes crises de asma: “É bem doloroso não conseguir respirar; muito pior, porém, é ser atormentada por tormentos interiores! É terrível!”¹²

Contudo, em vez de se deixar abater, pedia forças para sofrer mais: “Ó Jesus, dai-me o pão da paciência para suportar as aflições que meu coração sofre. Ó Jesus, Vós me quereis crucificada. *Fiat!*”¹³

Que tormentos seriam esses?

“Ela se recriminava frequentemente por não ter retribuído a Deus na proporção das graças recebidas”,¹⁴ atesta o Pe. Febvre.

Seu testemunho é confirmado pela própria Santa que, na véspera de sua morte, confidenciou a uma de suas irmãs de vocação: “Minha querida irmã, tenho medo: recebi tantas graças e correspondi tão pouco!”¹⁵

Recebeu a Extrema-Unção em fins de março de 1879. Duas semanas depois, no Domingo de Páscoa, revelou à enfermeira: “Minha paixão durará até à morte”.¹⁶ Bem poderia ter dito, mais precisamente: “Minha paixão irá se agravando até o último instante de vida”.

Com efeito, o caminhar para o desenlace final foi um lento e torturante cortejo rumo ao holocausto, que só viria a ocorrer no dia 16 de abril de 1879.

Por um singular desígnio da Providência, a morte de Santa Bernadette apresenta alguns traços de semelhança com o supremo Sacrifício do Calvário: às quinze horas, abriu os braços em cruz, disse que tinha sede e pediu um pouco de água; a enfermeira embebeu em água um algodão e o comprimiu em seus lábios, possibilitando-lhe sorver algumas gotas.



Os restos mortais da Santa, fotografados durante o velório

Morreu “moída como um grão de trigo”, cumprindo sua dupla missão de confidente da Imaculada e vítima expiatória

Em seguida, ela se recolheu profundamente, traçou um amplo e majestoso sinal da Cruz, inclinou a cabeça e expirou apoiada no braço de uma das religiosas que tiveram a graça de presenciar a morte de uma grande Santa.

Morreu de fato “moída como um grão de trigo”, cumprindo por inteiro sua dupla missão de confiden-

te da Imaculada Conceição e vítima expiatória.

Fonte de inefável gáudio e paz

Em meio a tantos padecimentos a Santa sentia-se, entretanto, muito alegre. “Sou mais feliz em meu leito de dor, com meu Jesus, do que uma rainha em seu trono”,¹⁷ escreveu a uma amiga que lhe enviara de presente um crucifixo.

Há, com efeito, algo de misterioso nas almas chamadas por Deus a se oferecerem como vítimas expiatórias: Ele cobra delas sofrimentos às vezes inenarráveis, mas as recompensa, já nesta terra, com uma felicidade inefável. A união que se estabelece com o Amado torna-se para elas fonte de gáudio e paz, impossível de ser superada por qualquer gozo ou satisfação natural.

Aqueles que não são capazes de elevar os olhos acima das coisas do mundo jamais compreenderão esse sublime arcano, porque, conforme ensina o Apóstolo, “a linguagem da Cruz é loucura para os que se perdem” (I Cor 1, 18). “Onde está o sábio? Onde o erudito? Onde o argumentador deste mundo?”, questiona ele. “Acaso não declarou Deus por loucura a sabedoria deste mundo? Já que o mundo, com a sua sabedoria, não reconheceu a Deus na sabedoria divina, aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura de sua mensagem” (I Cor 1, 20-21).

O mundo, o nosso tão conturbado mundo, cheio de incertezas, conflitos e dramas, não seria um pouco mais feliz se, como Santa Bernadette, amasse mais Maria Santíssima e soubesse entender o valor do sofrimento e a “loucura da Cruz”? ✧

Nevers: Saint-Gildard, 1982, p.177.

⁸ LAURENTIN, *Vie de Bernadette*, op. cit., p.236.

⁹ Idem, p.236.

¹⁰ Idem, p.241.

¹¹ ESTRADÉ, Jean-Baptiste. *Histoire intime des apparitions*, apud LAURENTIN, *Vie de Bernadette*, op. cit., p.234.

¹² LAURENTIN, *Vie de Bernadette*, op. cit., p.233.

¹³ BORDENAVE, op. cit., p.175.

¹⁴ LAURENTIN, *Vie de Bernadette*, op. cit., p.234.

¹⁵ Idem, p.246.

¹⁶ Idem, p.244.

¹⁷ RAVIER, op. cit., p.440.

A força de um varão de fé

Durante três meses aqueles jovens afrontaram a epidemia. Ela os circundou em todos os momentos, mas uma força invisível a impedia de atingi-los: todos atravessaram ilesos a grande tormenta.



Pe. Francisco Teixeira de Araújo, EP

Muito se tem elogiado São João Bosco – com quanta razão! – pela caridade heroica que o levou a sacrificar sua vida na formação da juventude carente, bem como por seu empenho na salvação das almas, meta última de suas atividades. A muitos outros títulos este Santo merece louvores, mas ele brilha especialmente por praticar uma virtude que é o fundamento de todas as outras: Dom Bosco foi acima de tudo um homem de fé. Não de uma fé inerte, mas ativa e operosa.

Uma das numerosas e eloquentes provas disto é o episódio narrado a seguir.¹

Pânico ante uma peste letal e altamente contagiosa

Triste notícia recebeu a cidade de Turim em 25 julho de 1854: a epidemia de cólera-morbo ali fizera naquele dia suas primeiras vítimas. Proveniente da Índia, ela atingiu primeiro a Inglaterra, passou para a França e daí para a Península Itálica. Em dois meses matou cerca de três mil pessoas na cidade de Gênova. Na de Sassari, ceifou a vida de cinco mil dos seus vinte e três mil habitantes.

Não havia remédio eficaz para essa peste altamente letal e contagiosa, e isso aumentava o pânico da população. Ao constatar que alguém de uma casa fora atingido, vizinhos e até parentes fugiam espavoridos, abandonando a infeliz vítima. Houve médicos que, para salvar a própria pele, deixaram a cidade.

Após promulgar normas de precaução, o poder civil solicitou e obteve pronta colaboração do clero na luta contra o inimigo comum: camilianos, capuchinhos, dominicanos e oblatos de Maria se ofereceram para prestar assistência aos “colerosos”.

Nesse momento de emergência, a obra de São João Bosco estava longe de ser o que se tornaria alguns anos depois: o Oratório contava apenas com uma centena de adolescentes. Não sem grande preocupação, via ele a epidemia devastar toda a região em torno do Oratório, dizimando e, em certos casos, destruindo famílias inteiras.

O que poderia ele fazer?

“Garanto que nenhum de vocês será atingido pela cólera”

Tomou logo as medidas sanitárias cabíveis para preservar do contá-

gio seus jovens. Mas não se limitou a isso. Prostrado aos pés da Medianeira de todas as graças, implorou: “Ó Maria, Mãe amorosa e potente, preservai estes meus amados filhos! E, se Deus quiser colher entre nós uma vítima, eis-me aqui pronto para morrer quando e como Lhe aprouver”.

Na festa de Nossa Senhora das Neves, reuniu todos os jovens, deu-lhes uma breve explicação e disse:

— Recomendo-lhes que cada um faça amanhã uma boa Confissão e uma Santa Comunhão, de modo que eu possa oferecê-los todos a Maria, pedindo-Lhe que os guarde e proteja como filhos diletíssimos seus. Vocês farão?

— Sim, sim! – responderam em uníssono.

— Se vocês estiverem todos na graça de Deus, sem cometer nenhum pecado mortal, eu lhes garanto que nenhum será atingido pela cólera – acrescentou o Santo.

Um convite ao heroísmo

Entretanto, o coração de Dom Bosco era grande demais para se contentar com a preservação dos seus. Vendo a epidemia alastrar-se cada dia mais e considerando a

quantidade de almas que compareciam perante o Supremo Juiz sem o socorro dos Sacramentos, tomou uma decisão que só os Santos têm discernimento para assumir com acerto e segurança: lançar-se com seus filhos na penosa e arriscada obra de assistência àqueles infelizes.

Reuniu-os em inícios de agosto, descreveu-lhes a situação de abandono na qual se encontrava tanta gente atingida pela doença e manifestou o desejo de que eles o acompanhassem nessa obra de misericórdia. Quatorze aceitaram de imediato a proposta, poucos dias depois outros trinta seguiram seu exemplo.

Antes de lançá-los no campo de batalha, Dom Bosco prescreveu-lhes sábias regras a seguir, de modo a sua ação ser eficaz para a salvação tanto dos corpos quanto das almas. Deu-lhes ensinamentos oportunos e úteis sobre como tratar os infectados. A tudo isso, acrescentou algumas sugestões relativas à assistência espiritual, a fim de que, na medida do possível, nenhum doente morresse sem os confortos da Religião.

Como dignos filhos de tal pai, puderam-se todos a campo: vários prestavam auxílio nos hospitais, alguns atendiam enfermos nas casas particulares, diversos outros exploravam os arredores à procura de doentes abandonados e um grupo permanecia de prontidão no Oratório, para atender qualquer emergência.

Dom Bosco superava a todos em dedicação

Logo se espalhou a notícia de que aqueles jovens eram excelentes enfermeiros. Resultado: os pedidos de socorro choviam de todos os lados, até mesmo do governo municipal. Mas eram pouquíssimos operários para uma imensa messe... Assim, a cada dia, diminuía seu tempo de repouso e de alimentação. Muitas vezes mal tinham tempo de comer um pedaço de pão, e outras vezes o fa-



*Prostrado aos pés da
Medianeira de todas
as graças, implorou:
“Ó Maria, Mãe
amorosa e potente,
preservai estes meus
amados filhos!”*



São João Bosco, fotografado em 1878 (acima) e em 1861 (embaixo), em Turim (Itália)

ziam ao lado do infectado altamente contagioso. Alguns passavam noites de vigília para não deixar um doente sem assistência. Apesar de tudo, estavam sempre contentes e felizes!

Dom Bosco superava a todos em dedicação. Ocupava-se primordialmente de administrar os Sacramentos, mas não perdia ocasião de ajudar onde fosse necessário. Durante longo período teve apenas uma ou duas horas por dia para repousar, num sofá ou numa poltrona.

As precauções para evitar o contágio tornaram-se impraticáveis já no segundo ou terceiro dia de combate. Certa tarde, no hospital, um jovemzinho “acolitava” Dom Bosco, que ia de cama em cama administrando a Unção dos Enfermos. Ao ver isso, um médico o advertiu:

— Dom Bosco! Este jovem não pode estar aqui! O senhor não percebe que é uma grave imprudência?

— Não, não, senhor doutor. Nem ele nem eu temos medo da cólera. Fique tranquilo, não acontecerá nada — replicou o Santo.

A força da fé de um autêntico sacerdote

Com efeito, ele e os jovens do Oratório só tinham uma preocupação: aliviar os corpos e salvar as almas. De si mesmos, a Divina Providência cuidaria. Ela cuidou de fato, e muito bem! Durante três meses eles provocaram e afrontaram a epidemia. Ao longo deste tempo ela os circundou em todos os momentos, mas uma força invisível a impedia de atingi-los: todos atravessaram ilesos a grande tormenta.

De onde provinha essa força?

Da fé de um autêntico sacerdote de Nosso Senhor Jesus Cristo. ✧

¹ Cf. LEMOYNE, Giovanni Battista. *Memorie biografiche di Don Giovanni Bosco*. San Benigno Canavese: Libreria Salesiana, 1905, v.V, p.75-103.



Gustavo Kralj

Durante a Paixão, Maria suportou os piores padecimentos que uma mãe poderia conceber. Na Ressurreição de Jesus, porém, a consolação superou a dor de todos os gládios que haviam transpassado sua alma.

Acima, Nossa Senhora e São João Evangelista, detalhe da Crucifixão, por Fra Angélico – Museu de São Marcos, Florença (Itália)

MARIA SANTÍSSIMA
NO MISTÉRIO DA RESSURREIÇÃO DO SENHOR

O triunfo da fé marial

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Depositado o Corpo de Jesus no sepulcro, Nossa Senhora dirigiu-Se para casa em companhia do Discípulo Amado. Com a volta ao recolhimento, os terríveis sofrimentos do dia abateram-se novamente sobre Ela, fazendo-Lhe sentir o peso de uma grande solidão. Para Maria a terra parecia estar vazia, pois faltava Aquele que enche o universo com sua presença.

Mas Ela aguardava confiante a Ressurreição, convicta de que esta se daria em breve tão só porque Jesus assim Lhe havia revelado. A profunda dor em nada abalara sua fé!

Concebendo a figura do Messias glorificado

Chegada a noite do sábado, uma luz começou a raiar no espírito de Maria, ainda ofuscado pela provação. Para tornar mais meritório seu martírio, Deus queria que Ela vencesse em sua alma ainda um último combate.

Assim como a Encarnação do Verbo havia se dado no momento em que Nossa Senhora completou em sua mente a imagem do Messias sofredor e redentor, a Ressurreição se efetuaria quando Ela consumasse em seu Coração a figura do Messias glorificado e exaltado. E a mesma chama da fé que tinha sustenta-

do a semente da Igreja naquele dia, finalmente se cristalizaria na certeza da Ressurreição.

Ela pensou, rezou e meditou em todas as glórias que seu Filho deveria receber pelo cumprimento de sua missão entre os homens e, ao terminar essa prece diante de Deus, operou-se a união da Alma santíssima de Jesus com o puríssimo Corpo que repousava no Santo Sepulcro. Eram três horas da manhã do domingo.

Uma visita prévia

A luz emanada do sagrado Corpo de Jesus durante a Ressurreição foi tão intensa que empalideceria a própria luz do Sol! Em poucos instantes Ele Se encontrava de pé no interior do sepulcro, após atravessar o bendito sudário que O envolvera.

Uma imensa alegria pervadiu o espírito de Nossa Senhora pois, antes mesmo de Lhe aparecer, Jesus A visitou em seu Coração. Poder-se-ia dizer que, se Ela morrera misticamente com seu Divino Filho aos pés da Cruz, com Ele também “ressuscitou” na madrugada da Páscoa.

Sendo Maria o Paraíso de Deus – e, portanto, do Verbo Encarnado –, desejava Ele iniciar em seu interior um novo regime de graças para o mundo, que teria como ponto de partida a vitória retumbante do bem, o



maior golpe recebido pelo demônio em toda a História, a Ressurreição!

Convívio repassado de benquerença e ternura

Pouco depois uma forte luz iluminou a escuridão do quarto de Nossa Senhora, e uma divina presença afugentou por fim, junto com as trevas da noite, a provação da alma de Maria: era seu adorável Jesus que vinha encontrá-La antes de qualquer outra pessoa! Com exceção de alguns Anjos que permaneceram de guarda no Santo Sepulcro, acompanhavam-No todos os coros dos espíritos celestiais, os quais cantavam ao redor d'Ele músicas inefáveis, nunca ouvidas pela Santíssima Virgem.

Das chagas de Jesus saíam fachos de claríssima luz e seu Corpo resplandecia como o Sol, irradiando intensamente sua divindade. A emoção, o júbilo e o enlevo abrasaram o Coração de Maria. Se este suportara os piores padecimentos que uma mãe poderia conceber, naquele momento a consolação superou a dor de todos os gládios que haviam transpassado sua alma.

Não imaginemos, contudo, um convívio meramente formal entre os dois... Aquela hora única na História esteve repassada de benquerença e ternura, pois Nosso Senhor desejava

com sofreguidão consolar sua Mãe por tudo quanto Ela sofrera. Logo A cobriu de afagos, abraçando-A e beijando-A muito afetuosamente. Maria, por sua vez, tomou as mãos de Jesus e quis oscular as santas chagas, para ali venerar a Redenção dos homens.

Gloriosa testemunha da Ressurreição

Reposta dessa impressão inicial, pôde Ela escutar as primeiras palavras de seu Filho:

— Minha Mãe, alegrai-Vos!

— Meu Filho! Meu Divino Filho! — respondeu Ela enquanto O abraçava.

Nossa Senhora também ansiava por manifestar as torrentes de seu carinho a Jesus. Como não Lhe fora possível, por expressa vontade divi-

na, consolá-Lo quanto desejaria durante a Paixão, sua alma estava ainda transpassada de comiserção pelos sofrimentos d'Ele.

Aquele abraço físico consistiu num longo cruzar de afeto, o qual resultou para Maria em um arrebatamento ao seio da Santíssima Trindade. Excedendo em muito um êxtase comum, esse fenômeno elevou a um grau inimaginável sua união com Deus.

A seguir os dois tiveram uma demorada conversa, na qual Nosso Senhor explicou à sua Mãe muitos aspectos que ainda não Lhe havia revelado sobre o significado dos diferentes passos da Paixão e sua relação com o futuro da Santa Igreja. Esse abençoado convívio durou cerca de três horas, concluindo com o romper da aurora.

Nascia o primeiro *dies Domini* da História, em que Jesus daria início à sequência das aparições recolhidas pelos Evangelistas. Maria fora escolhida, antes de todos, como gloriosa testemunha da Ressurreição. ✧

Extraído, com adaptações, de: *Maria Santíssima! O Paraíso de Deus revelado aos homens.* São Paulo: Arautos do Evangelho, 2020, v.II, p.497-513

Aquela hora única na História esteve repassada de benquerença e ternura, pois Nosso Senhor desejava consolar sua Mãe



**APOSTOLADO DO ORATÓRIO
MARIA RAINHA DOS CORAÇÕES**

RECEBA O ORATÓRIO DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA EM SUA CASA, UM DIA POR MÊS. SEJA TAMBÉM UM COORDENADOR DESTA APOSTOLADO E ORGANIZE A SUA PEREGRINAÇÃO PELAS CASAS DA SUA VIZINHANÇA. É MUITO FÁCIL.

ENTRE EM CONTACTO CONNOSCO POR:

TEL.: 212 389 596 - FAX.: 212 362 299

AV. DE BERNA, Nº 30 - 2º E 1050-042 - LISBOA

E-MAIL: oratorio@arautos.pt

Reflexo do maternal amor de Maria Santíssima

Nestes tempos dominados pela agitação e pela tristeza, são cada vez mais numerosas as pessoas que confiam na maternal intercessão de Dona Lucilia junto ao Sagrado Coração de Jesus. E não são defraudadas...

Michelle Fátima Arantes Côrte-Real



Reprodução

No maternal afeto que Dona Lucilia demonstra a seus devotos há, sem dúvida, profundos reflexos da suprema bondade de Maria Santíssima. E talvez seja esse o motivo pelo qual ela conquista cada vez mais corações.

Sentindo-se fracos diante de dificuldades intransponíveis e desamparados perante perigos e aflições, muitos têm recorrido à proteção dessa afável senhora, confiantes no seu poder de intercessão junto ao Sagrado Coração de Jesus. E não são defraudados.

Eis alguns testemunhos de pessoas que experimentaram o efeito de sua suave e alentadora compaixão nestes tempos dominados pela agitação e pela tristeza.

Quando falham as soluções humanas...

Acostumado a pedir o auxílio de Dona Lucilia e invocá-la constantemente nas difíceis situações pelas quais passa em sua profissão, Dr. Carlos Alberto Barreneche Osorio, colombiano residente no Estado do Pará, escreve-nos relatando os inúmeros favores recebidos durante suas experiências médicas nas precárias regiões do Norte do Brasil.

“Sempre que tenho um caso que escapa de minhas mãos como médico, procuro pedir um milagre. E os milagres eu peço a Dona Lucilia e a Dr. Plínio, que sempre me atendem. É realmente Deus, através do auxílio deles, que me ajuda a salvar essas vidas”.

Entre os numerosos casos por ele testemunhados, Dr. Carlos Alberto destaca dois mais recentes, sucedidos no município de Anapu.

“Em janeiro deste ano, uma menina chegou ao hospital onde trabalho em estado convulsivo devido à febre, o que é rotineiro na emergência da região onde dou plantão. Essa menina, porém, ficou mais de quatro horas nesse estado, e um quadro assim pode causar a morte ou deixar sequelas em uma criança.

“Passei a medicação de protocolo, o Diazepam, mas a convulsão não cessou. Preparei, então, uma segunda ampola e, como os sintomas não remetiam, comecei com esfriamento, com Dipirona... Utilizei ainda Fenitoína, um outro medicamento anticonvulsivo e, por fim, o Midazo-

lam, um anestésico usado em cirurgias para entubar e adormecer. Mesmo com doses altas deste remédio, a crise não remetia...”

Esgotados os meios humanos para solucionar o estado de sua paciente e após quase quatro horas de luta, Dr. Carlos Alberto resolveu recorrer a Dona Lucília, a fim de que ela se incumbisse de curar a pequena que ali sofria:

“A mãe e o pai se ajoelharam diante de mim e me pediram que salvasse a sua filha. E eu, aflito, sem saber mais o que fazer, peguei uma estampilha de Dona Lucília e fiz um sinal da Cruz na testa, no peito e nos ombros da criança... Foi incrível: em dois minutos ela se recuperou como se nada tivesse acontecido”.

“Pedi a Dona Lucília que fizesse um milagre”

O segundo fato ocorreu também em uma situação de urgência:

“Quando cheguei ao plantão do hospital, havia uma gestante internada com vinte e sete semanas de gestação e diagnóstico de descolamento de placenta, o que em qualquer idade é uma gravidez de risco, tanto para a mãe quanto para o bebê. A única solução era fazer uma cesariana, o

que quase seria o mesmo que matar o bebê, pois certamente ele não sobreviveria. Mas, se eu não tirasse o bebê, a mãe morreria...”

“Não sobrava quase tempo para tentar salvar o bebê, que já estava com poucos batimentos cardíacos. Então pedi primeiro a Dona Lucília que me protegesse e que fizesse um milagre para que o bebê sobrevivesse, em um município onde não temos UTI, não temos pediatra, não temos recursos adequados para manter um bebê de vinte e sete semanas e pesando setecentas gramas...”

“Decidi fazer a cesariana. Foi uma cirurgia bem complicada, tanto pelo procedimento em si, quanto pelas circunstâncias...”

“Fiz a incisão, retirei o bebê – que para mim estava morto naquele momento –, o cobri com umas compressas, coloquei na cama cirúrgica e me dediquei a parar o sangramento que havia no útero da mãe. De um momento para outro, vi que a compressa começou a mexer-se... Levantei-a e notei que o bebê estava vivo. Chamei, então, a enfermeira para dar-lhe os primeiros cuidados, enquanto eu terminava a cesariana. Assim que concluí, fui reanimar o bebê – vinte e sete semanas

são seis meses e meio, setecentas gramas... – e, incrivelmente, ele estava chorando e não apresentava nenhum problema. Pedi um helicóptero para que o levasse a Santarém, e o bebê sobreviveu.

“Nos dois casos, tanto da menina convulsiva quanto da mãe que provavelmente perderia o bebê, as famílias são evangélicas e reconheceram que aconteceu um milagre”.

“O único jeito era arriscar e confiar em Deus e em Dona Lucília”

Dr. Carlos Alberto menciona ainda um caso ocorrido no município de Brasil Novo, com outra gestante em grave risco de vida que, por falta de estrutura do hospital, ele não tinha condições de atender, a não ser com um especial auxílio celeste:

“Ela chegou à emergência em estado gravíssimo, com pré-eclâmpsia e síndrome de Hellp. Pedi ajuda aos hospitais regionais de apoio, mas disseram que não tinham leito nem para o bebê, nem para a mãe. Então, para não perder os dois, o único jeito era arriscar e confiar em Deus, em Dona Lucília e em Dr. Plínio, que me ajudam. Expliquei para a família que faria a cirurgia, mas que a paciente cor-



“De um momento para outro, vi que a compressa começou a mexer-se... Levantei-a e notei que o bebê estava vivo”

À esquerda, Dr. Carlos Alberto com a mãe e o bebê prematuro; à direita, após ter completado um ano; na página anterior, Dona Lucília Corrêa de Oliveira em 1908 ou 1909, tendo nos braços o seu filho Plínio



Fotos: Reprodução

ria risco de ter uma parada cardiorrespiratória no bloco cirúrgico.

“O problema dessa gestante foi a hemorragia que deu após a cesariana. Pensei que ia perdê-la por causa da perda de sangue. O útero também não contraía. Graças a Deus tudo saiu bem. E, como em todo milagre, não ficaram sequelas”.

Ajuda a um jogador de futebol da Arábia Saudita

Dona Lucilia tem se mostrado solícita em ajudar não somente no Brasil, mas, como nos conta Renato Chaves em seu depoimento, até mesmo no distante Oriente. E, como mãe extremosa que foi durante a vida terrena, ela parece especialmente empenhada em atender aos pais que rogam por seus filhos, mesmo nas circunstâncias mais inusitadas.

“Meu filho, Renato Chaves Júnior, futebolista de vinte e nove anos, foi contratado em agosto de 2018 para jogar como zagueiro por apenas uma temporada no Clube Al-Wehda, em Jeddah, na Arábia Saudita. Desempenhou muito bem sua função, a ponto de vir a ser titular absoluto durante todo o campeonato.

“Em janeiro de 2019, a diretoria do Clube Al-Wehda renovou seu contrato por mais três temporadas, ou seja, até 2021. Porém, o presidente do clube, que também é o príncipe local, nomeou uma nova diretoria esportiva para a temporada de julho de 2019. E logo no primeiro treino, meu filho, até aquele momento titular absoluto, passou para o time reserva. O novo técnico informou que traria seus jogadores e, por este motivo, não seria de seu interesse mantê-lo na equipe do Al-Wehda.

“Diante desta situação de desgaste em que o treinador o colocou, a diretoria do clube propôs a ele pagar apenas cinquenta por cento do contrato. Meu filho, porém, não aceitou e, conseqüentemente, foi excluído da



A criança que teve uma crise de convulsão, nos braços de sua mãe

“Peguei uma estampinha de Dona Lucilia e fiz um sinal da Cruz na testa, no peito e nos ombros da criança...”

equipe, tendo que treinar isolado do grupo”.

Preocupado com o estado do filho, seu pai, que se encontrava no Brasil, pôs-se a rezar, pedindo de modo especial a ajuda de Dona Lucilia:

“Enquanto meu filho vinha sofrendo com seu afastamento do elenco principal, eu, como pai, rezava todos os dias para Nossa Senhora Aparecida, pedindo a intercessão de Dona Lucilia”.

A situação foi se resolvendo de modo inesperado e, antes mesmo do término da segunda temporada, Renato já tinha sua posição restabelecida:

“Em 24 de julho de 2019 iniciou-se o Campeonato Saudita e, como

se esperava, meu filho Renato não fora inscrito. Porém, logo no primeiro jogo sob o comando do novo técnico, o Clube Al-Wehda teve um péssimo resultado, perdendo de 2 x 0 para o time adversário, o que ocasionou uma enorme revolta na torcida.

“Os torcedores não estavam apenas inconformados com o resultado catastrófico, mas também indignados pelo fato de o meu filho não estar inscrito no Campeonato Saudita. O rebuliço foi tal que alguns torcedores, como forma de protesto, chegaram a arremessar alguns objetos na diretoria, no príncipe/presidente, e não parou por aí... Para a surpresa da diretoria, do novo técnico e principalmente do Renato, a torcida que estava no estádio começou a gritar: ‘Renato Chaves’.

“Então, depois desse primeiro jogo, a diretoria, com muito receio, chamou o meu filho para conversar e pediu que esquecesse o episódio, dizendo-lhe que seria inscrito no Campeonato Saudita. Ele voltou a treinar com o elenco principal e, para melhorar, foi convocado como titular para a segunda partida do clube.

“Apesar da derrota do time, meu filho novamente foi surpreendido com a torcida que aplaudiu sua atuação em campo. Hoje, Renato Chaves segue no clube e aos poucos vem ganhando apoio da torcida”.

“Senti um alento, como se o seu xale caísse sobre meus ombros”

Também Angela Graciella dos Santos Lopes Costa, de São Carlos (SP), foi favorecida de modo especial pela intercessão de Dona Lucilia, quando se encontrava desempregada.

“Fui demitida da empresa na qual trabalhei por sete anos. A partir de então, começou minha saga para me recolocar no mercado de trabalho.

Foram muitos currículos enviados e, apesar da minha formação e experiência, não obtive sucesso...

“Percebi que a ajuda teria que vir do Céu... Fiz algumas novenas, penitências, pedi a São José e às almas do Purgatório, mas não obtive nenhum retorno, pelo menos terreno.

“Precisava auxiliar nas contas domésticas, e meu seguro desemprego estava terminando. Infelizmente as coisas iam ficar muito difíceis com apenas meu esposo trabalhando. Quando ele me disse que iria trabalhar de bicicleta para economizar no combustível, meu coração ficou dilacerado...”

Ao tomar conhecimento de alguns casos de graças recebidas por intermédio de Dona Lucília, Angela resolveu recorrer à sua intercessão:

“Nesse momento tive a certeza de que ela ia me ajudar também. Fui até o quarto onde temos um quadro de Dona Lucília, me ajoelhei e conversei com ela. Senti um alento muito grande, como se o seu xale caísse sobre meus ombros. Fiz uma oração e cantei uma música a ela”.

Entre lágrimas, Angela concluiu sua súplica a Dona Lucília, certa de



Angela Gaciella dos Santos Lopes Costa, com um quadro de Dona Lucília

“Tenho a convicta certeza de que Dona Lucília é a grande responsável; esse foi mais um milagre de nossa mãe!”

que ela não a desampararia. E, antes mesmo do que esperava, obteve resposta para a sua prece:

“Após aproximadamente uma hora e vinte minutos, meu celular tocou. Era o rapaz do RH de uma empresa, aquela na qual eu mais desejava trabalhar, e onde já havia tentado várias vezes conseguir vaga. Ao atender o telefone, pensei no auxílio de Dona Lucília. Ele me passou algumas informações e disse que retornaria o contato para informar sobre a sequência do processo seletivo. Dois dias depois, ele ligou solicitando minha documentação: não foi necessário sequer uma entrevista. Tenho a convicção certa de que Dona Lucília é a grande responsável. Esse foi mais um milagre de nossa mãe!”

* * *

Desse modo, Dona Lucília tem beneficiado inúmeras almas, abrindo-as não só para o seu auxílio, mas fazendo-as ver nesses favores um reflexo da excelsa bondade de Maria Santíssima, a qual, muito mais ainda do que ela, deseja amparar cada um de seus filhos e reinar o quanto antes em seus corações. ✧



Dona Lucília

Uma biografia de Dona Lucília Ribeiro dos Santos Corrêa de Oliveira, escrita por Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP, e editada pela *Libreria Editrice Vaticana*.

Preço: 15€ (portes de envio incluídos)

Pedidos pela internet: pedidos@custodiosdemaria.pt ou pelo telefone 212338950



Fotos: Eric Salas

Espanha: II Congresso Nacional de Cooperadores

Na casa dos Arautos do Evangelho em Sevilla la Nueva, nas proximidades de Madri, realizou-se, entre 21 e 23 de fevereiro, o II Congresso Nacional de Cooperadores. Durante esses dias de convívio, houve diversas palestras de formação (foto 1), recitação processional do San-

to Rosário (foto 2) e muitas outras atividades. No dia 22 de fevereiro, aniversário da aprovação pontifícia dos Arautos do Evangelho, foi celebrada uma Missa em ação de graças na Paróquia da Assunção, em Brunete, com recepção de novos cooperadores (fotos 3 e 4).



Fotos: Cortesia de Mons. Juan Bautista Itaruma

Tanzânia – No dia 8 de fevereiro, a Diocese de Bunda, situada no norte do país, recebeu seu primeiro oratório “Maria Rainha dos Corações”, que peregrinará pelas famílias pertencentes à paróquia da catedral. Ele foi acolhido na Comunidade São Tomás de Aquino (Chilinge) com uma Eucaristia presidida pelo Pe. Paul Kamuhabwa.



Fotos: Nuno Moura

Portugal: Aniversário da aprovação pontifícia

A Eucaristia comemorativa do XIX aniversário da aprovação pontifícia dos Arautos do Evangelho, teve lugar na Catedral da Sé do Porto. Ela foi presidida pelo bispo diocesano D. Manuel Linda (foto 2), e celebrada por sacerdotes da instituição (foto 3). No iní-

cio, a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria foi introduzida em cortejo por irmãs do setor feminino (foto 1). Centenas de membros da instituição lotaram o templo e, no fim da celebração, aproximaram-se para venerar a imagem de Maria Santíssima (foto 4).



Fotos: Sebastião Cadavid

El Salvador – Dom Héctor Miguel Cabrejos Vidarte, Arcebispo de Trujillo e Presidente do CELAM e da Conferência Episcopal do Peru, fez duas visitas consecutivas à Casa dos Arautos do Evangelho em San Salvador, durante as quais celebrou a Santa Missa e participou do jantar de confraternização com os membros da comunidade.



Fotos: Leandro da Silva de Souza

Caieiras (SP) – No dia 3 de março o Dr. Luís Fernando Fernández Ochoa, Decano da Escola de Teologia, Filosofia e Humanidades da Universidade Pontifícia Bolivariana, de Medellín, fez a entrega do título de Bacharel em Sagrada Escritura a oito membros dos Arautos do Evangelho, em cerimônia presidida por Dom Benedito Beni dos Santos.



Fotos: Sergio Cespedes Rios

Francisco Morato (SP) – Após algumas semanas percorrendo paróquias em Minas Gerais, a Cavalaria de Maria deu continuidade às suas atividades evangelizadoras visitando entre os dias 10 e 15 de fevereiro as residências e comunidades da Área Pastoral Sagrada Família, a convite do Pe. Wanderson da Silva Peixoto.



Fotos: Davi Machiado

Cariacica (ES) – Os Cooperadores dos Arautos do Evangelho do Estado do Espírito Santo receberam 20 novos membros no mês de fevereiro. A bênção e imposição das respectivas capas teve lugar na casa dos Arautos do Evangelho de Cariacica, durante uma solene Eucaristia presidida pelo Pe. Célio Luís Casale, EP.

ACONTECEU NA IGREJA E NO MUNDO.....



Diocese americana proclama “Ano de São José”

A Diocese norte-americana de Charlotte decidiu comemorar o 150º aniversário do Decreto *Quemadmodum Deus*, pelo qual o Papa Pio IX declarou o Santo Patriarca Patrono da Igreja, proclamando 2020 como o *Ano de São José*.

Entre as numerosas atividades previstas, estava a formação de grupos de estudo com o objetivo de preparar adultos para a consagração ao castíssimo esposo de Maria e pai virginal de Jesus. Os cursos se desenvolveram durante os meses de fevereiro e março, sob o título *Consagração a São José: os milagres do nosso pai espiritual*.

Quatrocentas capelas em louvor à Virgem do Vale

Para comemorar o Ano Mariano Nacional e os quatrocentos anos da descoberta da imagem de Nossa Senhora do Vale, a Paróquia Nossa Senhora do Rosário, com sede em Huafín, na Diocese argentina de Catamarca, decidiu construir nas comunidades de seu extenso território quatrocentas grutas dedicadas a esta invocação da Santíssima Virgem. A primeira dessas capelas, erigida em Laguna Blanca, foi abençoada no dia 30 de janeiro.

A milagrosa imagem de Nossa Senhora do Vale foi encontrada no ano 1619 ou 1620 numa gruta da Província de Catamarca. Nunca se soube como ela chegou até o local, mas os numerosos milagres ali acontecidos levaram a população a construir a atual Catedral-Basílica de Nossa Senhora do Vale para albergá-la e a tomá-la como padroeira da diocese.

XII Romaria Nacional do Terço dos Homens

Entre os dias 14 e 16 de fevereiro, cerca de oitenta mil pessoas se congregaram no Santuário de Nossa Senhora Aparecida para a XII Ro-

maria Nacional do Terço dos Homens.

O evento teve início com uma Missa na noite do dia 14, seguida de procissão luminosa e vigília noturna de Adoração ao Santíssimo Sacramento. Na manhã seguinte, houve Missa campal e, à tarde, um momento mariano durante o qual, além de recitar o Terço e renovar a tradicional consagração a Nossa Senhora Aparecida, os peregrinos puderam dar testemunho dos milagres e graças recebidos. A programação se encerrou no domingo, dia 16, com a Santa Missa.

Durante todo o evento, sacerdotes estiveram à disposição para administrar o Sacramento da Reconciliação e abençoar pessoas e objetos sacros.

Espanha inaugura nova capela de Adoração Perpétua

A célebre cidade de Santiago de Compostela já conta com uma capela de Adoração Perpétua ao Santíssimo Sacramento. A Adoração se iniciou no dia 20 de janeiro, na Igreja de São Fernando, com uma Eucaristia presidida pelo Arcebispo de Santiago, Dom Julián Barrio, e concelebrada por dez sacerdotes. Um nume-

Arco-íris no céu de Lourdes

No dia 25 de março, Solenidade da Anunciação do Anjo a Maria, os céus da cidade de Lourdes, na França, se enfeitaram com um belo arco-íris. Ele apareceu no instante em que os sinos das igrejas e do célebre santuário mariano convidavam os fiéis para a oração. O espetáculo foi registrado em fotografias e vídeos por vários habitantes da região e noticiado em diversos jornais on-line.

Dom Eamon Martin, Arcebispo de Armagh e Primaz da Irlanda, sublinhou na sua conta do *twitter* o fato de o surgimento do arco-íris ter coincidido com o momento em que a Irlanda era consagrada ao Imaculado Coração de Maria.



Reprodução

roso grupo de fiéis participou da cerimônia.

Com esta, sobe para sessenta o número de capelas de Adoração Perpétua ativas na Espanha.

Tapeçaria sacra de Rafael exposta na Capela Sistina

Para lembrar o 500º aniversário da morte de Rafael Sanzio, tapeçarias deste célebre pintor renascentista estiveram expostas durante uma semana, de 17 a 23 de fevereiro, na Capela Sistina, local para o qual foram originalmente desenhadas. Elas retratam cenas dos Atos dos Apóstolos, como São Paulo pregando aos pagãos em Atenas, sua conversão a caminho de Damasco, a morte de Ananias e o apedrejamento de Santo Estêvão.

As peças estavam bastante deterioradas e tiveram de ser restauradas nos ateliês dos Museus Vaticanos. O delicado trabalho, que durou dez anos, exigiu a substituição de fios de seda, de lã e até de ouro e prata, materiais usados para conferir brilho aos tecidos. Cada uma das tapeçarias mede cinco metros de largura por quatro de altura, com um peso de sessenta quilos.

“Heroína da Castidade” será declarada Bem-Aventurada

O Bispo diocesano de Crato, Dom Gilberto Pastana de Oliveira, anunciou que a Serva de Deus Benigna Cardoso da Silva deve ser proclamada Bem-Aventurada no dia 21 de outubro, durante uma cerimônia na catedral desta cidade do Nordeste do Brasil.

Nascida em Santana do Cariri, Ceará, no dia 15 de outubro de 1928, Benigna foi martirizada aos treze anos por ter rejeitado as torpes exigências de um rapaz que, diante de sua negativa, a atacou com um facão no dia 24 de outubro de 1941.

Há dezesseis anos se realiza nesse dia uma romaria em homenagem

à *Heroína da Castidade*, que reúne cerca de trinta mil pessoas.



Sanctuarie N. Yagma

Burkina Faso foi consagrada ao Imaculado Coração de Maria

No dia 2 de fevereiro, oito Bispos da Conferência Episcopal de Burkina Faso e Níger consagraram Burkina Faso ao Imaculado Coração de Maria. O ato ocorreu durante a tradicional peregrinação nacional ao Santuário mariano de Yagma, na Arquidiocese de Ouagadougou.

Em sua homilia Dom Laurent Birfuoré Dabiré, Bispo diocesano de Dori e presidente da mencionada conferência episcopal, sublinhou tratar-se de “um ato de confiança, de fé e de esperança em que, pela intercessão de Maria, Deus nos concederá a vitória sobre o mal e nos dará força para trabalhar pelo advento de um mundo mais fraterno”.

Dos vinte milhões de habitantes que compõem a população de Burkina Faso, aproximadamente sessenta por cento são muçulmanos e dezessete por cento católicos.

Aplicativo indica locais de Adoração ao Santíssimo

Está à disposição na internet o aplicativo *Adoración GO*, que permite localizar, em tempo real, os lugares mais próximos onde se encontra exposto o Santíssimo Sacramento.

As Adorações Perpétuas são assinaladas com a mensagem “24 horas” na cor verde. Se a Adoração ocorre apenas durante algumas horas do dia, o aplicativo informa o horário e, ao se escolher determinado local, mostra o caminho mais curto para se chegar até ele. Além disso, ícones indicam

tratar-se de uma igreja ou de algum centro público como hospitais, colégios ou seminários. Também são oferecidos textos para leitura relacionados com o Sacramento da Eucaristia.

Por enquanto, a ferramenta só funciona na Espanha. Caso haja desejo de agregar novos locais, é preciso que alguém da paróquia ou da diocese entre em contato com os administradores e forneça as informações necessárias.

Os organizadores dessa iniciativa são os mesmo que, anteriormente, criaram outro aplicativo muito útil para os católicos espanhóis: o *Confessor GO*, que permite encontrar o lugar mais próximo onde há um sacerdote disponível para administrar o Sacramento da Confissão.

Identificado o primeiro mosteiro bizantino da Península Ibérica

Após quase vinte e cinco anos de pesquisa, especialistas da Universidade de Alicante, na Espanha, e do Museu Arqueológico de Elda confirmaram que as ruínas de El Monastil correspondem a um convento bizantino, o primeiro da Península Ibérica.

De início os estudiosos acreditavam tratar-se dos restos de um assentamento romano ou visigodo, mas recentes descobertas desfizeram definitivamente o engano. No local foram encontrados pesos com inscrições em grego, os quais desde o século VI as principais igrejas de cada cidade do Império Romano estavam obrigadas a guardar, por decreto de Justiniano, para garantir a idoneidade das medidas utilizadas pelos comerciantes.

Durante as últimas escavações foram identificados também alguns objetos litúrgicos inconfundíveis: a base octogonal de uma coluna, típica da arquitetura bizantina, e um recipiente cilíndrico em marfim, no qual se guardava o Santíssimo Sacramento. Os bizantinos se instalaram na Península Ibérica, desde o sul de Portugal até Valência, no século VI.

Sinais de vida no Santo Sudário de Turim

Uma recente investigação publicada na revista *Scientia et Fides*, com o título *Sinais de vida na figura do Sudário de Turim*, acrescentou aspectos inéditos ao estudo da Síndone. Até o momento, as pesquisas focalizavam principalmente a origem e história do tecido, a coincidência das feridas com as do Crucificado e a forma como a imagem de Nosso Senhor ficou ali impressa. O mencionado estudo, porém, realizado pelo Dr. Bernardo Hontanilla Calatayud, catedrático de cirurgia plástica, estética e reparadora da Universidade de Navarra, conclui que a figura estampada no tecido não corresponde à de um cadáver, mas sim à de uma pessoa viva, que está se levantando da posição de decúbito supino.

No seu trabalho, Dr. Hontanilla põe em realce a “simetria absoluta” existente entre o que a análise da imagem estampada na Síndone revela e a narração evangélica sobre a Morte e Ressurreição de Jesus, e demonstra que o Sudário de Turim “apresenta, ao mesmo tempo, os sinais de morte e de vida de uma pessoa que deixou sua imagem impressa num momento em que estava viva”.

Servindo-se dos conhecimentos da ciência sobre o *rigor mortis* e a posterior flacidez dos cadáveres, e analisando a postura da cabeça, dos braços e das pernas, o estudo conclui que “a imagem dinâmica impressa no Santo Sudário poderia ter se produzido em qualquer momento entre dezoito e trinta horas após a morte,



Reprodução

mas estando a pessoa viva”. E Dr. Hontanilla acrescenta: “Afirmo e defendo cientificamente isso onde for necessário. Se unirmos todos esses sinais que aparecem na Síndone com o que está escrito nos Evangelhos, então há uma coincidência de cem por cento, não apenas na Morte, mas também na Ressurreição”.

GAUDIUMPRESS

A primeira agência de notícias católicas do Brasil

• Portuguese • Spanish • English



• Notícias • Opinião • Vídeos • Imagens

Notícias do Brasil e do mundo

Faça sua assinatura

gratuitamente em

gaudiumpress.org

- 30 dias com o Papa
- Mundo
- Opinião
- Roma
- Espiritualidade

Registre o nosso número +55 11 988051031
ENVIE UMA MENSAGEM E RECEBA NOTÍCIAS



O triste fim de uma invejosa pérola

Éramos grandes amigas, mas aos poucos ela foi se tornando amarelada, suja e rugosa. Deixou de ser uma pérola branca como eu. Compreendi, então, de que mal sofria aquela minha antiga companheira...



Sarah Ramos Mafort



o contemplar um panorama marítimo em dia de calmaria, com os poderosos raios do astro-rei incidindo sobre ondas suaves e uniformes, fácil é ignorar a vida existente nas profundidades do oceano.

Nós, as pérolas, moramos embaixo das águas, em lugares onde há uma obscuridade quase completa. Pois ainda que o lugar em que habitamos esteja banhado pela luz, permanecemos sempre fechadas no interior das nossas respectivas ostras.

Assim ocorria também comigo. Monótona transcorria a minha existência, até que certo dia senti um chacoalhão e, muito espantada, percebi

que a sólida couraça que me protegia cedia a uma força superior.

De repente, intenso clarão pervadiu o meu entorno. Fiquei ofuscada por alguns instantes até que, acostumando-me com a luz, avistei por primeira vez um homem... Era um pescador. Oh! Quanta alegria senti ao comprovar o desvelo com que me tratava.

Ele me retirou com delicadeza do interior do molusco, lavou-me cuidadosamente e me acomodou em uma bela caixa de veludo, onde permaneci à disposição de quem quisesse me comprar. Olhando ao meu redor, percebi que não estava sozinha: muitas outras pérolas, das mais variadas cores e tamanhos, achavam-se ao meu lado.

Dentre elas, uma atraiu especialmente a minha atenção por parecer-se comigo. Logo fizemos amizade e, por sermos simples pérolas brancas, ficamos extasiadas com a extraordinária beleza das demais: haviam umas poucas pérolas negras – mais raras e por isso, como soube depois, mais caras –, algumas azuis e outras cor-de-rosa.

Passaram-se os dias e percebemos que uma grande multidão de seres humanos, entre eles nobres senhoras, nos fitava e tocava encantada, como se fôssemos verdadeiras raridades. Vendo as ilustres damas cruzarem por lá com colares feitos de outras pérolas, aumentamos o número das nossas amigas.

Minha companheira, porém, muitas vezes não participava da nossa alegria, e pensava:

— Por que estou neste lugar? Estas pérolas negras e azuis, por sua raridade, possuem um valor muito superior ao meu. Sinto-me constrangida ao observar que os olhos humanos brilham mais ao vê-las do que ao me fitar.

Tais reflexões, meus amigos, faziam essa pobre pérola não só invejar as qualidades alheias, mas também revoltar-se contra quem lhe trouxera à luz. Um dia, por exemplo, ela me disse:

— Cara companheira, você não vê quão insignificantes somos? De que vale permanecermos aqui, entre as outras? Voltemos ao oceano, aos lugares em que os raios de sol não chegam, e seremos as estrelas do fundo do mar! Lá embaixo não haverá ninguém superior a nós. Sem luz para nos iluminar, poderemos nos imaginar negras, azuis, rosas, douradas ou verdes... O que você quiser!

Ela dizia isso ao mesmo tempo emocionada e enfurecida, como nunca a vira antes. Confesso que fiquei bastante assustada, e percebi que minha pobre amiga havia se deixado tomar por uma ilusão, fruto de sua inveja. Quanto mais eu procurava ajudá-la, mais distante de mim ela se tornava.

Notei que continuava pensativa, porém não voltou a tocar no assunto durante vários dias. Uma tarde, o pescador aproximou-se para tomar certa pérola rosa que uma distinta senhora queria comprar. Nesse instante, vi que minha amiga se mexeu, como se algo a incomodasse. Perguntei-lhe discre-

tamente se estava bem e se alguma coisa a havia contristado, pois há semanas permanecia calada. Ela, então, me respondeu:

— Não se preocupe. É que cada vez que avisto o pescador sinto uma forte repulsa em meu interior. Ele é a causa de todas as minhas desgraças. Foi ele quem me trouxe para esse lugar, tirando-me a liberdade de ser aquilo que quero!

Ao ouvir isso, não aguentei! Seus argumentos eram uma declaração de burrice. Como podia dizer que o pescador tinha lhe tomado a liberdade quando, muito pelo contrário, fora ele que a libertara da prisão da ostra, levando-a à luz?!

Passaram-se os tempos e, apesar de minha companheira não ter me dirigido mais a palavra, eu ainda me preocupava com ela. Observando-a reparei que, de branca que era, ia-se tornando amarelada e rugosa. Até que um dia percebi ter ela tomado o aspecto de um pedregulho! Algo já não nos unia; não era mais uma das nossas.

Vendo aquele insignificante objeto ocupando a linda caixa de veludo no lugar da admirada gema que antes ali havia, o pescador ficou triste. A presença de algo tão banal junto a suas preciosas pérolas quebrava a beleza e harmonia do conjunto. Não sem pesar, lançou-a no fundo do mar novamente!

Nesse instante, pensando na dor que sentia o pescador ao imaginar



De repente, um intenso clarão pervadiu meu entorno; fiquei ofuscada...

que todo o seu trabalho por minha irmã havia sido infrutífero, duas grossas lágrimas rolaram pela minha face. E meu pobre coração clamou, entre soluços:

“Oh, banal pedregulho! De pérola luminosa que eras, ficaste escuro, apagado, e voltaste para o leito do oceano. Quanto valor possuías, quantas coroas de reis ou diademas de rainhas poderias ter ornado e, entretanto, preferiste cair nas trevas do fundo do mar, onde não há luz que realce qualquer beleza”.

Tudo isso se deveu, meus amigos, a que aquela pérola infeliz, minha antiga companheira, não quis reconhecer o grande apreço do pescador por cada uma de nós e, vendo o carinho por ele demonstrado às outras, encheu-se de inveja.

Pobre pérola! Quantas vezes ele corria para limpá-la da mais simples manchinha, por receio de ver seu brilho – que ele tanto admirava – menos intenso! Em inúmeras ocasiões o vi se aproximar pé ante pé para observá-la, notando seu semblante toldar-se pela preocupação ao constatar sua decadência.

Apreendi, então, que cada pérola tem um valor único aos olhos do pescador, e que por cada uma ele está disposto a fazer tudo. Se minha irmã tivesse acreditado nisso, não teria sofrido aquele fim... Porque o melhor remédio para a inveja é considerar o amor que ele deposita em nós. ✧



Apreendi, então, que cada pérola tem um valor único aos olhos do pescador, seja ela negra, azul, rosa ou dourada

OS SANTOS DE CADA DIA

1. Beato Carlos de Áustria, rei (†1922).

Depois de padecer com heroísmo católico a queda do Império Austro-Húngaro após a Primeira Guerra Mundial, morreu exilado na Ilha da Madeira, Portugal.

2. São Francisco de Paula, eremita (†1507 Castelo de Plessis-les-Tours - França).

Santa Teodora, virgem e mártir (†307). Jovem de dezoito anos presa, torturada e lançada ao mar por haver dado demonstrações de apoio e veneração aos cristãos levados ao tribunal em Cesareia, Palestina.

3. Beato João de Penna, presbítero (†1275). Enviado por São Francisco de Assis à Gália Narbonense, França, propagou ali a nova forma de vida evangélica.

4. Santo Isidoro de Sevilha, Bispo e Doutor da Igreja (†636 Sevilha - Espanha).

São Platão, abade (†814). Abade do Mosteiro de Sakkudion, na Bitínia, lutou energeticamente contra os iconoclastas.

5. Domingo de Ramos da Paixão do Senhor.

São Vicente Ferrer, presbítero (†1419 Vannes - França).

Santa Maria Crescência Höss, virgem (†1744). Religiosa franciscana que foi mestra de noviças e superiora em Kaufbeuren, Alemanha.

6. São Filareto, monge (†1076). Mesmo tendo nascido em um ambiente muçulmano, soube seguir a verdadeira Fé e dedicar-se à oração. Morreu no Mosteiro de Santo Elias, na Calábria.

7. São João Batista de la Salle, presbítero (†1719 Rouen - França).

Beatos Eduardo Oldcorne, presbítero, e **Rodolfo Ashley**, mártires (†1606). Religiosos jesuítas presos, torturados e esquartejados vivos no reinado de Jaime I da Inglaterra.

8. Beato Clemente de Osimo, presbítero (†1291). Prior-Geral dos Eremitas de Santo Agostinho, reformou com sabedoria as leis da Ordem.

9. Quinta-Feira Santa. Instituição da Sagrada Eucaristia.

Santo Acácio, Bispo (†séc. V). Empenhou-se em resgatar os presos cativos e submetidos a duros suplícios e, após o resgate, converteu-os à verdadeira Fé.

10. Sexta-Feira da Paixão do Senhor.

Santa Madalena de Canossa, virgem (†1855). Renunciou às riquezas para seguir a Cristo e fundou em Verona os institutos das Filhas e dos Filhos da Caridade.

11. Sábado Santo.

Beata Sancha de Portugal, virgem (†1229).

Santo Estanislau de Cracóvia, Bispo e mártir (†1079 Cracóvia - Polônia).

Santa Gema Galgani, virgem (†1905). Mística cheia de ardor pela Cruz de Cristo, que teve como privilégio receber os estigmas da Paixão.

12. Domingo da Páscoa na Ressurreição do Senhor.

São Vítor de Braga, mártir (†c. 300).

Santa Teresa de Los Andes, virgem (†1920). Carmelita chilena que ofereceu a vida a Deus pela conversão do mundo. Morreu aos dezenove anos.

13. São Martinho I, Papa e mártir (†656 Quersoneso - Ucrânia).

São Caradoco, presbítero e eremita (†1124). Tocava harpa no palácio real do País de Gales e, percebendo que naquele ambiente se amava mais os cães do que os homens, decidiu servir o Rei dos Céus.

14. Santa Ludovina, virgem (†1433). Na Holanda, suportou com paciência os sofrimentos corporais que a afligiram, oferecendo suas dores pela conversão dos pecadores e salvação das almas.

15. Beato César de Bus, presbítero (†1607). Após abandonar o mundo, fundou em Avignon, França, a Congregação dos Padres da Doutrina Cristã, com a finalidade de catequizar a infância, os pobres e os camponeses.

16. São Frutuoso de Braga, Bispo (†665).

São Drogão, recluso (†c. 1186). Almejando levar uma vida simples e recolhida, viveu quarenta anos numa pequena cela anexa à igreja de Sebourg, França, de onde podia assistir à Missa através de uma janelinha.

17. Beato Tiago de Cerqueto, presbítero (†1367). Integrante da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, demonstrou sua heroica virtude pela aceitação serena e resignada das enfermidades.

18. São Galdino, Bispo (†1176). Criado Cardeal por Alexandre III, trabalhou na restauração da cidade de Milão destruída pela guerra.

19. II Domingo da Páscoa. Domingo da Misericórdia.

Beato Jaime Dukett, mártir (†1602). Sofreu o martírio na Inglaterra durante o reinado de Isabel I, por vender livros católicos em sua livraria.



Reprodução



Gustavo Kraji



Reprodução

**Santa Madalena de Canossa; Santo Adalberto de Praga - Igreja dos Dominicanos, Cracóvia (Polônia);
Santa Teresa de Los Andes, com hábito de professa**

20. Beata Clara Bosatta, virgem (†1887). Com o auxílio de São Luís Guanella, fundou o Instituto das Filhas de Santa Maria da Providência em Pianello, Itália.

21. Santo Anselmo, Bispo e Doutor da Igreja (†1109 Cantuária - Reino Unido).

São Romão Adame, presbítero e mártir (†1927). Exerceu clandestinamente seu ministério sacerdotal até ser descoberto e fuzilado em Nochistlán, México.

22. Santa Senhorinha, abadessa (†c. 980). Descendente de nobre família de Braga, Portugal, tomou o hábito no Mosteiro beneditino de São João, de Vieira do Minho, do qual se tornou abadessa.

23. Santo Adalberto de Praga, Bispo e mártir (†997 Tenkitten - Alemanha).

São Jorge, mártir (†séc. IV Palestina).

São Gerardo, Bispo (†994). Durante os trinta e um anos em que foi Bispo de Toul, França, dotou a cidade de excelente legislação, criou obras de auxílio aos po-

bres, dedicou a igreja catedral e ajudou os mosteiros.

24. São Fidélis de Sigmaringa, presbítero e mártir (†1622 Seewis - Suíça).

São Guilherme Firmato, eremita (†1103). Cônego e médico em Tours, França, fez uma peregrinação a Jerusalém e passou na solidão o resto de sua vida.

25. São Marcos, Evangelista.

Santo Estêvão de Antioquia, Bispo e mártir (†479). Por defender a Fé Católica em Antioquia, na atual Turquia, foi precipitado no Rio Orontes, onde morreu afogado.

26. III Domingo da Páscoa.

Nossa Senhora do Bom Conselho.

Beato Estanislau Kubista, presbítero e mártir (†1942). Sacerdote polonês, entregou seu espírito após sofrer atrozes tormentos no campo de concentração de Sachsenhausen, Alemanha.

27. São Pedro Ermengol, religioso (†1304). Converteu-se da vida péssima que levava e, tornando-se reli-

gioso mercedário, dedicou-se a resgatar os escravos cristãos na África.

28. São Luís Maria Grignon de Montfort, presbítero (†1716 Saint-Laurent-sur-Sèvre - França).

São Pedro Chanel, presbítero e mártir (†1841 Futuna - Oceania).

Beata Maria Luísa de Jesus Trichet, virgem (†1759). Primeira religiosa e superiora da Congregação das Filhas da Sabedoria, fundada por São Luís Maria Grignon de Montfort.

29. Santa Catarina de Sena, virgem e Doutora da Igreja (†1380 Roma). Padroeira da Europa.

Nossa Senhora dos Prazeres (ou da Alegria).

São Tíquico. Discípulo do Apóstolo São Paulo, de quem recebeu ser chamado “irmão amado e ministro fiel” (Ef 6, 21).

30. São Pio V, Papa (†1572 Roma).

Beato Pedro Levita, diácono (†605). Designado pelo Papa São Gregório Magno para administrar o patrimônio da Igreja de Roma, soube fazê-lo com prudência e sabedoria.



Proclamando nas ruas

Mesmo vivendo no corre-corre das cidades modernas, honrar o holocausto de Jesus e as lágrimas de sua Mãe é o desejo veemente daqueles que participam nas procissões da Antiga Guatemala.

José Carlos Torres

Desperta nossa atenção contemplar, nos mais variados povos, costumes fielmente transmitidos de pais para filhos ao longo das gerações. Admiramo-nos, sobretudo, ao comprovar como muitos desses hábitos nasceram do amor a Nosso Senhor Jesus Cristo, entesourando belezas e esplendores que não são senão frutos do seu Preciosíssimo Sangue.

Uma dessas tradições perdura há mais de quatrocentos anos na *Antigua Guatemala*: trata-se da procis-

são de Semana Santa, que percorre as ruas ornando o Tríduo Pascal com manifestações de séria e sincera piedade herdada dos colonizadores espanhóis.

A partir do *Sábado del Consuelo*, que precede o Domingo de Ramos, certas ruas da cidade ficam lotadas de devotos que desfilam em oração, a fim de prepararem suas almas para celebrar a Morte e Ressurreição de Jesus. Essas procissões, porém, só chegam ao apogeu na Sexta-Feira da Paixão. Dentre as que são realizadas nesse dia destaca-se a do Cristo do

Divino Amor, cuja imagem representa o Salvador morto e sepultado.

O cortejo parte da Igreja de São Domingos justamente às três da tarde – hora em que o Crucificado rendeu seu espírito – e só conclui às três horas da madrugada! Cento e cinquenta homens vestidos do peculiar traje de *cucurucho* portam o Cristo, revezando-se em turnos. Desempenham assim uma honrosa função que é legada pelos pais aos filhos, netos e bisnetos, através das gerações.

Para acompanhar o desfile, ressoam marchas fúnebres tocadas por



Lucy Brown / Diálogo



Lucy Brown / Diálogo





Ir. Gabrielli Ramos de Siqueira, EP

uma banda, atrás da qual segue o andor com a imagem de Nossa Senhora da Soledade, a primeira com esta invocação a ser trazida às terras guatemaltecas. Oitenta mulheres a transportam, revestidas de negro e cobrindo a cabeça com um véu. Também para a Virgem há um conjunto musical, que interpreta belas melodias em honra à *Mater Dolorosa*.

Imenso espírito de veneração imbuí o evento, durante o qual os participantes guardam respeitoso silêncio... No momento da troca de turnos, faz-se soar um sino, cujo repi-

que serve de ordem de comando: os que carregam o andor tiram-no de sobre os ombros e apoiam-no num bastão de descanso, enquanto aqueles que assumirão o posto fazem uma breve oração de joelhos. Ao segundo toque, estes últimos levantam-se e passam a sustentar a pa-diola.

Mesmo vivendo no corre-corre das cidades modernas, honrar o holocausto de Jesus e as lágrimas de sua Mãe é o desejo veemente dos participantes dessas procissões, pois tal anseio brota de modo irresistível

no espírito de todos aqueles que Os amam e se sentem por Eles amados.

Assim, por maiores que sejam os ardis empregados pelo inimigo infernal contra a Santa Igreja, sempre haverá filhos e filhas dela empenhados em confessar sua fé n'Aqueles que os purificaram e salvaram através de suas dores. E as piedosas manifestações nascidas dessa devota atitude proclamarão diante de todos um dos mais belos princípios do Cristianismo: a vitória sobre o mundo, o demônio e a carne só se conquista pelo amor à Cruz. ✧



Ávaro Salvatierra



Ávaro Salvatierra



Matyas Renal / Dreamstime.com

Acima: procissão do Senhor Sepultado do Calvário. Ao lado: Jesus Nazareno “de la Dulce Mirada”; Nossa Senhora das Dores “de La Merced”; Senhor Sepultado de São José Catedral; Jesus Nazareno “de La Merced”; e Nossa Senhora da Paz do Calvário



São Tomé põe a mão nas chagas de Cristo - Basílica de São Tomé, Chennai (Índia)

Incredulidade vantajosa para nós

Depois de comprovarem os maiores milagres efetuados pelo Divino Mestre, viram-No preso, flagelado, preterido em favor de um Barrabás, levantado no Madeiro entre dois criminosos e morto na rejeição geral. Aqueles eleitos pelo Pai para serem os arautos não só da Paixão, mas também da Ressurreição, necessitavam ver o Messias em seu sagrado Corpo glorificado.

A incredulidade deles, culposa ou não, deve ser tomada como extremamente vantajosa para nós: “Para que acrediteis” (Jo 19, 35).

Em sua sabedoria eterna e infinita, a Providência Divina concebeu essas insuperáveis testemunhas, esses primeiríssimos arautos do Evangelho. Para nós eles viram, para nós eles foram provados, para nós eles creram, para nós eles escreveram. E agora chegou a nossa vez de dar o nosso testemunho e, se não acreditarmos, não teremos escusas. Estamos destinados à bem-aventurança de crer sem ter visto, para, assim, ingressarmos na vida eterna.

Mons. João Scognamiglio Clá Dias